

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DÉBORA RAMLOW

**MENTORIA: A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES DE CUIDADO E DA VIVÊNCIA
DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO
ECLESIAÍSTICO**

São Leopoldo

2021

DÉBORA RAMLOW

MENTORIA: A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES DE CUIDADO E DA VIVÊNCIA DA
ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO ECLESIAÍSTICO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R173m Ramlow, Débora

Mentoria : a importância das relações de cuidado e da vivência da espiritualidade cristã no exercício do ministério eclesial / Débora Ramlow ; orientadora Gisela Isolda Waechter Streck . – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.

88 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2021.

1. Mentoria. 2. Clero - Ministério. 3. Discipulado (Cristianismo). 4. Espiritualidade. I. Streck, Gisela Isolda Waechter orientadora. II. Título.

DÉBORA RAMLOW

**MENTORIA: A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES DE CUIDADO E DA VIVÊNCIA
DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO
ECLESIAÍSTICO**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Data de
aprovação: 7 de dezembro de 2021

Prof^a. Dr^a. Gisela Isolde Waechter Streck (Presidente)
Participação por videoconferência

Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto (EST)
Participação por videoconferência

Prof^a. Dr^a. Marilze Wischral Rodrigues (FLT)
Participação por videoconferência

*Ao Senhor, Deus Trino! Amigo fiel,
companheiro de jornada, que me concedeu
a dádiva e o privilégio de, com Ele, apesar
das minhas falhas e limitações, apascentar
o Seu Rebanho!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Rodomar, meu marido e companheiro de uma vida, por me incentivar e motivar a continuar firme no exercício da minha vocação. Grata também por ouvir minhas descobertas e me ajudar a voltar sempre de novo à delimitação do meu projeto.

Aos meus amados filhos, Sophia e Henrique, por compreenderem a necessidade de me manter por horas no escritório, dedicada a pesquisa.

Aos meus pais, minha gratidão por serem exemplo de fé e vida, e por viverem o ministério como dádiva, presente de Deus.

Gratidão aos meus mentores, Casso e Roseli, que me ajudam a atravessar os vales sombrios e me convidam a viver a caminhada cristã com alegria, gratidão e encantamento! Grata por aprender com vocês a amar ao Senhor da Igreja, a me deleitar na leitura da Palavra, a cuidar de mim, e a exercer o ministério com amor, responsabilidade e alegria!

Agradeço ao SARA – Servindo de Apoio, Refrigério e Amizade – que me permitiu conhecer a mentoria e me presenteou com a possibilidade de caminhar junto de outras ministras e ministros, de diferentes denominações, mostrando que quando Cristo é o centro, o que nos une é muito maior do que aquilo que poderia nos separar.

Gratidão também à Rainiele e à Maysa, amigas e companheiras de caminhada! Com elas vou aprendendo a mentorear sendo mentorada!

À Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Nova Petrópolis, bem como aos colegas de ministério, sou grata por compreenderem minha dedicação aos estudos. É um privilégio servir ao Senhor entre vocês e com vocês!

Grata também de maneira especial à IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e FLM (Federação Luterana Mundial) por patrocinarem meus estudos por meio de uma bolsa – sem a qual este empreendimento nos estudos não seria possível!

E, em especial, agradeço à minha orientadora, Gisela, por logo nas primeiras conversas compreender e incentivar a presente pesquisa. Grata pelo carinho, empatia e importantes considerações em todas nossas trocas.

“Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Cuide das minhas ovelhas”.

João 21.17

“Mas creio que o desejo de te agradar te agrada realmente”.

Thomas Merton

RESUMO

A presente dissertação se trata de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática da mentoria e sua possível importância na formação e no acompanhamento a lideranças eclesiais, bem como averigua sua relevância para que ministras e ministros eclesiais mantenham regularidade em sua vivência da espiritualidade cristã. Procura delimitar o que se compreende como ministério eclesial (ambiente dentro do qual se quer verificar a importância da mentoria) e se faz a definição de ministério eclesial a partir e dentro do convite ao discipulado e se conceitua o ministério eclesial como profissão do cuidado. Também se verifica possíveis causas que podem provocar o adoecimento das pessoas que exercem o ministério e traz um breve estudo de caso de três situações em que a prática da mentoria (mesmo que não nominada) se fez presente nas Sagradas Escrituras. Por último, se busca a definição do termo espiritualidade cristã, bem como se faz a relação entre a prática da mentoria e a vivência da espiritualidade no ministério eclesial.

Palavras-chave: Mentoria. Ministério eclesial. Discipulado. Cuidado. Espiritualidade.

ABSTRACT

The present thesis is a bibliographical research on the theme of mentoring and its possible importance in the formation and monitoring of ecclesiastical leaders, as well as ascertaining its relevance for ecclesiastical ministers to maintain regularity in their experience of Christian spirituality. It seeks to delimit what is understood as ecclesiastical ministry (an environment within which the importance of mentoring is to be verified) and the definition of ecclesiastical ministry is made from and within the invitation to discipleship and the ecclesiastical ministry is conceptualized as a profession of care. It also checks possible causes that can cause the illness of people who exercise the ministry and brings a brief case study of three situations in which the practice of mentoring (even if not named) was present in the Holy Scriptures. Finally, the definition of the term Christian spirituality is sought, as well as the relationship between the practice of mentoring and the experience of spirituality in the ecclesiastical ministry.

Keywords: Mentoring. Ecclesiastical Ministry. Discipleship. Caution. Spirituality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 MINISTÉRIO ECLESIAÍSTICO – ENTRE PRIVILÉGIO E SOFRIMENTOS	21
2.1 Jesus e Pedro – o convite ao ministério	24
2.2 Ministério eclesiástico – vocação do cuidado	28
2.3 Possíveis causas de sofrimento no exercício do ministério eclesiástico 32	
2.3.1. <i>Quando ministras e ministros pensam que são Deus</i>	33
2.3.2 <i>Quando ministras e ministros ignoram seu relacionamento com Jesus</i>	36
2.3.3 <i>Quando ministras e ministros compreendem que a única maneira de se relacionar com Deus é fazer para ele</i>	41
2.3.4 <i>Quando ministras e ministros esquecem que são cooperadores com os outros</i>	46
3 MENTORIA – VIDA NA VIDA	51
3.1 Conceituação de Mentoria	54
3.1.1 <i>Elias e Eliseu</i>	59
3.1.2 <i>Barnabé e Saulo/Paulo</i>	61
3.1.3 <i>Paulo e Timóteo</i>	66
3.2 Aspectos importantes para o exercício da mentoria no ministério eclesiástico	68
3.2.1. <i>A mentoria pressupõe uma caminhada conjunta no discipulado cristão</i> ..	68
3.2.2 <i>Necessidade de vínculo afetivo – admiração</i>	69
3.2.3. <i>Pessoas mentoras também precisam ser mentoradas</i>	71
3.2.4 <i>A mentoria propicia a formação de novas lideranças – o segredo da sucessão</i>	72
3.3 Ministério, mentoria e espiritualidade cristã	72
3.3.1 <i>Espiritualidade cristã – uma definição</i>	73
3.3.2 <i>Mentoria e a vivência da espiritualidade cristã</i>	76
4 CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

O assunto da presente pesquisa é a mentoria, compreendida como relação sistemática, intencional e regular com pessoas mais experientes na formação e no acompanhamento de lideranças eclesiais, bem como sua importância para a vivência profunda e significativa da espiritualidade cristã no exercício do ministério eclesial. Mentoria, como se verá, é o processo de ministrar com a própria vida na vida de outras pessoas, permitindo e incentivando que as outras pessoas floresçam com todo seu potencial, e sirvam ao Senhor da Igreja com amor, dedicação, gratidão e encantamento.

Na Bíblia Sagrada, verifica-se que a formação de profetas, ou mesmo de lideranças eclesiais, acontecia por meio do acompanhamento de alguém mais experiente, que compartilhava sua vida e seus conhecimentos com a pessoa que estava sendo preparada para a tarefa de liderar. Pode-se verificar essa prática em Elias e Eliseu (no Antigo Testamento), bem como em Barnabé e Saulo/Paulo e Paulo e Timóteo (no Novo Testamento). A formação das novas lideranças acontecia no relacionamento interpessoal e na observância da vida, das práticas e condutas de alguém com mais expertise (que em algum momento já havia passado por esse mesmo processo de formação) e compartilhava agora seus conhecimentos com aqueles que almejavam participar da tarefa de liderar o povo de Deus ou a Igreja de Jesus Cristo.

Esse acompanhamento pessoal, por vezes, continuava após o processo de formação da pessoa líder. O apóstolo Paulo continuou acompanhando Timóteo após sua efetivação como pastor da igreja de Éfeso. Esse acompanhamento acontecia por meio de cartas e visitas. Entende-se que a mentoria ajuda na formação do caráter, auxilia no direcionamento vocacional e permite segurança para as pessoas que assumem papel de liderança. Além disso, motiva, fortalece e ampara em momentos de crises pessoais, vocacionais e ministeriais. Portanto, a mentoria, entendida como relação sistemática, intencional e regular com pessoas mais experientes é o tema central da presente pesquisa.

Contrapondo o modelo de formação de lideranças apresentado na Bíblia Sagrada, percebe-se que atualmente a formação de novas lideranças eclesiais acontece básica e prioritariamente na academia. Não se está desprezando ou

menosprezando a formação acadêmica. Mas, pergunta-se se somente a formação acadêmica é suficiente para formar e também para acompanhar a pessoa líder no exercício de seu ministério eclesiástico. Ou será que é possível dar conta de todas as demandas do ministério eclesiástico sem o devido acompanhamento de alguém mais experiente? Não é o ministério eclesiástico pesado, cansativo ou mesmo danoso à saúde emocional e espiritual da pessoa que o exerce? Em que medida, os danos acumulados em longo prazo pela solidão e falta de acompanhamento não podem adoecer a pessoa líder afastando-a do exercício ministerial? Será que a mentoria é de fato capaz de auxiliar e motivar os líderes eclesiásticos a manterem sua saúde emocional, bem como permitir a vivência regular e profunda da espiritualidade cristã? O que é ministério eclesiástico? O que é cuidado? Lideranças eclesiásticas também precisam ser cuidadas? Como exercer o cuidado?

Com esta pesquisa, procurar-se-á verificar em que medida a mentoria pode contribuir na formação de novas lideranças e no exercício do ministério eclesiástico, bem como motivar ministras e ministros a uma vivência regular e profunda da espiritualidade cristã.

Optou-se por pesquisar a respeito da mentoria, por se ter experimentado a importância desta tanto na vida pessoal, bem como no exercício do ministério eclesiástico.

Em vários momentos da pesquisa, far-se-ão relatos de experiências pessoais. E, nesses momentos, escrever-se-á na primeira pessoa, usando o texto em *itálico* para inclusive diferenciar esses aportes do restante do texto da pesquisa.

Escolheu-se usar a expressão ministério eclesiástico por se compreender que este termo abarca todos os tipos de funções, cargos e ministérios exercidos no seio da Igreja de Jesus Cristo.

Assim sendo, no segundo capítulo far-se-á uma definição do que se entende por ministério eclesiástico, bem como se situará o mesmo dentro do chamado de Jesus Cristo para o discipulado. A partir da conversa restauradora que Jesus tem com o apóstolo Pedro após este o ter negado, ver-se-á como Jesus acolhe Pedro, demonstrando ser sabedor de todas suas falhas e limitações, e como, mesmo assim, Jesus incentiva e aposta em Pedro para exercer o ministério eclesiástico.

Ainda no segundo capítulo far-se-á a definição do ministério eclesiástico como vocação do cuidado e, por conta desta definição, levantar-se-á motivos que podem gerar sofrimento na vida da pessoa que exerce o ministério eclesiástico.

Já no terceiro capítulo far-se-á a definição e conceituação de mentoria, bem como se discorrerá, a partir dos exemplos bíblicos acima já citados, sobre sua relevância para o exercício saudável do ministério eclesiástico. Também será apresentado um comparativo entre a mentoria, aconselhamento pastoral e o *coaching*.

Finalizando a pesquisa, será feita a relação da prática da mentoria com a vivência da espiritualidade cristã no exercício do ministério eclesiástico, averiguando o quanto a mentoria pode favorecer e incentivar ministras e ministros a manterem regularidade e profundidade na vivência da espiritualidade cristã.

2 MINISTÉRIO ECLESIAÍSTICO – ENTRE PRIVILÉGIO E SOFRIMENTOS

Jesus subiu a um monte e chamou a si aqueles que ele quis, os quais vieram para junto dele. Escolheu doze, designando-os como apóstolos, para que estivessem com ele, os enviasse a pregar. (Marcos 3.13-14)

O assunto da presente pesquisa é a mentoria, bem como a averiguação de sua importância para uma vivência profunda e significativa da espiritualidade cristã no exercício do ministério eclesiástico. No entanto, faz-se necessário, antes de se falar da mentoria propriamente dita, definir e conceituar ministério eclesiástico, o ambiente a partir do qual se quer afirmar a importância da mentoria.

O versículo acima destacado tem grande importância na definição de ministério eclesiástico, pois remonta ao princípio gerador, ao convite à caminhada com Jesus, nominada nessa pesquisa como discipulado,¹ que é condição anterior ao convite ao exercício do ministério eclesiástico. Para Eugene Peterson, discípulos são pessoas que passam a vida conectadas com seu mestre, Jesus Cristo, que estão com ele num relacionamento de crescimento-aprendizado. “Um discípulo é alguém que aprende, mas não no ambiente acadêmico de uma sala de aula, e sim no lugar de trabalho de um artífice”.²

No episódio do chamado de Jesus aos discípulos, fica claro que o convite primeiro de Jesus àqueles homens galileus foi o de estarem com ele.³ Somente depois viria a função que exerceriam: enviados a pregar.⁴

Os discípulos foram chamados para estarem com Jesus, para andarem com ele pelas estradas empoeiradas da Palestina. Eles foram convidados a aprender observando, a fazer vendo o mestre fazer:

Com a comunidade de discípulos recém criada, Jesus inicia um processo de aprendizagem contínua. Novas experiências vão se dando à proporção que caminham. Discurso e prática são colunas paralelas de uma mesma

¹ “Discípulo é aluno de um mestre”, indicando que aprender é uma ocupação chave. Em certo sentido, isto significa que um ensino de natureza cognitiva era dado a um discípulo para que ele aprendesse e crescesse. Jesus é chamado “mestre” (*didaskalos*), *rabi*, (mestre) ou “senhor” e “mestre” (*kyrios*) 151 vezes nos evangelhos e é retratado no ato de ensinar (*didaskô*) outras 42 vezes. SMITHER Edward L. *Agostinho Como Mentor*. São Paulo, Hagnos, 2012. p. 15

² PETERSON, Eugene. *Uma Longa Obediência na Mesma Direção*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. p. 12

³ Marcos 3.14

⁴ Marcos 3.14

edificação. Ortodoxia e ortopraxia vão juntas nos capítulos seguintes registrados por Mateus. E assim, as novas experiências propiciam condições para mudanças de vida e comportamento dos discípulos. Os novos *insights* vão acontecendo com pessoas à beira do caminho, ou com visitantes não-convidados para uma refeição especial. Seja como for, os ensinamentos de Jesus vão sendo repassados no percurso natural da vida – estando em casa, saindo pelo caminho, enquanto comiam, entrando no templo...⁵

Todo trabalho realizado pelos discípulos é ato posterior, algo que acontece depois e dentro dessa vivência com Jesus. Fica claro que primeiro vem a tarefa de estar com Jesus, e somente depois vem a incumbência de fazer com e por ele (enviasse a pregar).⁶

Sou filha de pastor. Junto aos meus irmãos, sempre acompanhei as atividades comunitárias. Lembro de participar do culto infantil, que na minha primeira infância era ministrado por minha mãe, e de participar dos cultos dominicais com toda família. Desde muito cedo surgiu o interesse pela vida ministerial, por seguir os passos do meu pai. Lembro, no entanto, que ao me deparar com a proximidade de ingressar no ministério ordenado, depois da conclusão do curso de teologia, recordei a “vida na vitrine”⁷ que eu experimentara por toda a minha vida como filha de pastor. Essa não foi minha realidade enquanto cursava teologia num centro de formação localizado em Curitiba, capital do estado do Paraná. Por quatro anos, vivi o anonimato proporcionado pela grande cidade. Confesso que tal reflexão me fez pensar se de fato gostaria de voltar àquela realidade, sendo que seria agora, não só filha de pastor, mas a própria pastora.

Trago esse relato, pois o que foi essencial na decisão de seguir em frente, antes de ingressar no ministério ordenado, foi a lembrança de que meu chamado primeiro era o de estar com Jesus, de ser sua discípula e seguidora. E, tal condição de discípula, seguidora de Jesus já me colocava numa situação diferente. Entendi

⁵ QUEIROZ, Carlos. *Ser é o Bastante: felicidade à luz do Sermão do Monte*. Curitiba: Encontro Publicações, 2003. p. 40

⁶ GREEN, Michael e STEVENS, Paul. *Espiritualidade Bíblica: a Bíblia como fonte da verdadeira espiritualidade para o seu dia a dia*. Brasília: Editora Palavra, 2008. p. 44

⁷ Tanto Roseli K. de Oliveira, como Thomas Heimann afirmam que ministros eclesiais têm uma vida pública e exposta. Para exemplificar essa realidade, usam o termo “vida na vitrine”. OLIVEIRA, Roseli M. Künrich. *Cuidando de Quem Cuida: um olhar de cuidado aos que ministram a palavra de Deus*. 4. ed. Joinville: Grafar, 2012. p. 83 e HEIMANN, Thomas. *Imagem e Identidade Pastoral: A desidealização do ministério pastoral a partir da teologia luterana da graça proposta por Lutero*. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2016. p. 148.

*que ser seguidora de Jesus já trazia consigo o desafio de ser “sal da terra e luz do mundo”:*⁸

‘Vocês são o sal’ – não: vocês devem ser o sal! Não depende dos discípulos quererem ou não ser o sal. Não estamos diante de um apelo aos discípulos para que se tornem o sal. Eles o serão, querendo ou não, no poder do chamado que os atingiu. Vocês são o sal – e não: vocês têm o sal. Seria uma redução se, com os reformadores, quiséssemos afirmar que o sal consiste na mensagem dos discípulos. Toda a sua existência está envolvida, na medida em que é renovada pelo chamado de Cristo ao discipulado, a existência da qual falam as bem aventuranças. Quem é atingido pelo chamado de Cristo, está no discipulado é, através desse chamado, o sal da terra com toda a sua existência [...] Vocês são a luz em toda sua vida enquanto permanecem no chamado. **E, por sê-lo, não poderão mais ficar ocultos, mesmo que o quisessem.**⁹ (grifo meu)

Assim como os discípulos foram enviados a pregar a partir do discipulado, da vivência com Jesus, todo convite, vocação ou chamado para o exercício do ministério é a partir da já anterior condição de discípulos, seguidores de Jesus Cristo. Como afirma o teólogo e mártir alemão Dietrich Bonhoeffer em sua obra *Discipulado*: “Por seu chamado, Jesus fez os discípulos participantes de si mesmo, concedeu-lhes a sua comunhão”.¹⁰ E, esse é o grande e encantador privilégio do discipulado: a vida com Jesus, o Deus que se fez carne: “O Deus que nos ama, que é o amado e que é em si mesmo o próprio amor, nos convida a compartilhar sua vida de amor”.¹¹

Ter ciência dessa realidade, viver sob essa perspectiva tem me trazido alegria, força e ânimo em meio às adversidades do ministério. Carlos Queiróz afirma que:

A felicidade do discípulo está centrada na arte de viver como luz do mundo – portanto, como quem já tem a virtude em si e, como consequência, já não depende da ação do outro para ser o que é. A exposição do seu testemunho é tão natural como o brilho da luz.¹²

*Muito bom recordar que, antes de fazer qualquer coisa para Jesus, antes de trabalhar para ele, sou sua amiga, e ele é meu amigo*¹³. Assim, todo trabalho não é

⁸ Mateus 5.13-14

⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004. p. 67.

¹⁰ BONHOEFFER, 2004. p. 73

¹¹ GREEN e STEVENS, 2008, p. 15

¹² QUEIROZ, 2003, p. 50

¹³ “Já não os chamo servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz. Em vez disso, eu os tenho chamado amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu lhes tornei conhecido”. João 15.15

meramente algo feito para ele, mas uma parceria, um trabalho realizado em conjunto!

Infelizmente percebe-se que tal condição anterior, e prioritária na vida da pessoa que exerce o ministério eclesiástico, tende a ser ignorada ou deixada de lado. John M. Drescher, em sua obra *Se Eu Começasse o Ministério Novamente*, na qual reflete sobre erros, aprendizados e acertos que obteve ao longo de muitos anos de atividade ministerial, declara, baseado em Marcos 3.13-14:

Essa experiência de estar ‘com Cristo’ e praticar sua presença para o desenvolvimento da minha vida interior não foi enfatizada o suficiente durante todo meu treinamento teológico [...] Entrei no ministério com um claro sentimento de chamado e entusiasmo por estar no ministério de Cristo e da Igreja. No entanto, levei algum tempo para aprender que os frutos são produzidos apenas com novo crescimento e que a Palavra que devo transmitir deve primeiro tornar-se carne em mim. Ficou claro que Deus precisava produzir sua obra através de mim.¹⁴

Dietrich Bonhoeffer, também em sua obra *Discipulado* afirma: “Discipulado é comprometimento com Jesus Cristo única e imediatamente”.¹⁵ Com isso afirma-se, e define-se ministério eclesiástico como toda e qualquer função de liderança que é exercida na Igreja de Jesus Cristo, seja sob a forma de ministério ordenado ou não. Contudo, toda e qualquer função de liderança eclesiástica precisa ser exercida a partir do discipulado, do seguimento à Cristo. O serviço a Cristo, o fazer para Cristo, é consequência de uma vivência aos pés daquele que chama, que convida, em primeiro lugar, para estar com ele.¹⁶

2.1 Jesus e Pedro – o convite ao ministério

Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: ‘Simão, filho de João, você me ama realmente mais do que estes?’ Disse ele: ‘Sim, Senhor, tu sabes que te amo’. Disse Jesus: ‘Cuide dos meus cordeiros’. Novamente Jesus disse: ‘Simão, filho de João, você realmente me ama?’ Ele respondeu: ‘Sim, Senhor tu sabes que te amo’. Disse Jesus: ‘Pastoreie as minhas ovelhas’. Pela terceira vez, ele lhe disse: ‘Simão, filho de João, você me ama?’ Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez ‘Você me ama?’ e lhe disse: ‘Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo’. Disse-lhe Jesus: ‘Cuide das minhas ovelhas’. (João 21.15-17)

¹⁴ DRESCHER, John. *Se eu Começasse o Ministério Novamente*: instruções atemporais e sabedoria que transforma a vida. Curitiba: Editora Esperança, 2019. p. 19

¹⁵ BONHOEFFER, 2004, p. 70

¹⁶ QUEIROZ, 2003. p. 36

Pedro fora um dos doze que haviam recebido o convite para estarem com Jesus.¹⁷ Conviveu com Jesus ao longo de aproximadamente três anos. E, após a morte de Jesus, Pedro cai em desgosto.¹⁸ Vê-se perdido, pois suas expectativas foram frustradas. Sem falar do remorso de ter negado seu mestre por três vezes.¹⁹ Pedro precisava de um tempo para pensar, e, nada melhor que seu antigo ofício de pescador e o contato com o mar aberto para desopilar sua consciência.²⁰

Então, após a ressurreição, Jesus vai ao encontro de Pedro. Jesus não desiste do seu discípulo, mesmo que este aparentemente tenha desistido dele. Jesus vai à praia a fim de cear com seus amigos.²¹ E, após a refeição, Jesus pergunta insistentemente se Pedro o amava.²² E, para quem sabe, compensar cada uma das três vezes que Pedro o havia negado, Jesus por três vezes pergunta: “Simão, Filho de João, você me ama?”²³

Por meio desse diálogo, Pedro é restaurado. Porém, o que fica evidente nesse relato, é que, a premissa básica para o exercício do ministério (pastoreio do rebanho de Cristo) é o amor a Cristo. O amor àquele que chama deve ser o ponto de partida, o pontapé inicial de toda e qualquer atividade ministerial. Sempre que Pedro respondia afirmativamente que amava a Cristo,²⁴ Jesus lhe respondia: pastoreie, cuide das minhas ovelhas.

Outro aspecto desse relato que chama atenção e toca profundamente, é, quando pela terceira vez, Pedro é inquirido acerca de seu amor por Jesus e ele responde: “Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo”.²⁵

Talvez a esta altura, Pedro já estivesse cabisbaixo, sem conseguir olhar Jesus nos olhos. No entanto suas palavras são uma profunda confissão e reconhecimento de quem ele era. Naquele momento descortinaram-se aos olhos de Pedro todas as vezes que ele agira por impulso, ou que prometera estar com Jesus mesmo que os demais discípulos o abandonassem.²⁶ Pedro tinha ciência de que

¹⁷ Marcos 3.16

¹⁸ QUEIROZ, 2003, p. 69

¹⁹ João 19.15-18

²⁰ João 21.3

²¹ João 21.1-13

²² João 21.15-17

²³ João 24.15-17

²⁴ João 21.15-17

²⁵ João 21.17

²⁶ Marcos 14.29 e Mateus 26.33

Jesus sabia de todas as coisas a respeito dele. Sabia de suas imperfeições e limitações. Sabia até que o seu amor era limitado e imperfeito. Sabia que sua confissão era titubeante. Mas, mesmo assim Pedro amava a Cristo! E, surpreendentemente, esse amor apresentado por Pedro já era suficiente. Henri J. M. Nouwen, em sua obra *O Perfil do Líder Cristão do Século XXI* diz “Estando seguro do amor de Pedro, Jesus lhe dá a tarefa de ministrar”.²⁷

Jesus sabe que o amor que lhe é oferecido pelos seres humanos é imperfeito, inconstante. Sabe de todas as limitações e fraquezas humanas, e, mesmo assim, confia-lhes o privilégio e a oportunidade de cuidar do seu rebanho. Thomas Merton, em sua célebre oração, demonstra bem essa natureza efêmera e vacilante:

Senhor, meu Deus, não sei para onde vou. Não vejo o caminho diante de mim. Não posso saber com certeza onde terminará. Nem sequer, em realidade, conheço-me, e o fato de pensar que estou seguindo a tua vontade não significa que, em verdade, esteja-o fazendo. **Mas creio que o desejo de te agradar te agrada realmente.** E espero ter esse desejo em tudo o que eu faço. Espero que jamais farei algo de contrário a esse desejo. E sei que, se assim fizer, tu me hás de conduzir pelo caminho certo, embora eu nada saiba a esse respeito. Portanto, sempre hei de confiar em ti, ainda que me pareça estar perdido e nas sombras da morte. Não hei de temer, pois estás sempre comigo e nunca me abandonarás, para que eu enfrente os perigos que me cercam²⁸ (grifo meu).

Apesar dessa frágil condição humana, Cristo confia às pessoas a tarefa de apascentar seu rebanho, cuidar das suas ovelhas.²⁹ A tarefa de exercer o ministério é conferida a pessoas comuns, falhas e imperfeitas. John MacArthur, ao discorrer sobre o perfil dos doze discípulos, afirma que

[...] em tudo, são homens perfeitamente comuns. Nenhum deles era conhecido como um grande estudioso ou erudito. Não tinham o currículo de grandes oradores e teólogos. Na verdade, no que se refere às instituições religiosas da época de Jesus, eram excluídos. Não se destacavam por seus talentos naturais ou aptidões intelectuais. Pelo contrário, todos eles estavam sujeitos a cometer erros, ter atitudes equivocadas, lapsos na fé e terríveis fracassos – nenhum deles mais do que Pedro, o líder do grupo.³⁰

Com isso, torna-se evidente que o ministério eclesiástico não é destinado a pessoas especiais. Jesus mesmo não formou seu grupo de discípulos com pessoas

²⁷ NOUWEN, Henri J. M. *O Perfil do Líder Cristão do Século XXI*. 4. ed. Curitiba: Editora Atos, 2018. p. 37.

²⁸ PEREIRA, Sibélius Cefas. *Thomas Merton – contemplação no tempo e na história*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 228

²⁹ João 21.15-17

³⁰ MACARTHUR, John. *Doze Homens Comuns*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. p. 12

à frente do seu tempo, ou com capacidades extraordinárias. Jesus chamou pessoas comuns, porém dispostas a uma caminhada com ele. E ao lhes conceder o ministério, a incumbência de cuidar do Seu rebanho, Jesus requer que esses seguidores o amem:

A pergunta não é: Quantas pessoas o levam a sério? Quanto você consegue realizar? Pode mostrar algum resultado ou fruto em sua vida? Antes, é: você está apaixonado por Jesus? Talvez uma outra maneira de colocar esta pergunta seria: você conhece o Deus encarnado? Em nosso mundo de solidão e desespero há uma enorme necessidade de homens e mulheres que conheçam o coração de Deus. Um coração que perdoa, que cuida, que estende a mão e que quer curar. Neste coração não há desconfiança, vingança, ressentimento e nenhum traço de ódio. É um coração que só quer dar amor e receber amor de volta. É um coração que sofre imensamente porque vê a magnitude da dor humana e a grande resistência de se confiar no coração de Deus que quer oferecer consolação e esperança.³¹

Assim como Pedro é chamado para exercer o ministério a partir do amor a Jesus, também outras pessoas são chamadas para, a partir da vivência com Jesus e do amor a ele, cuidar do seu rebanho.³² Assim sendo, toda ação humana, é ação segunda, é resposta ao amor já recebido. E, como bem salienta Nouwen, uma vez que se tem ciência do amor de Jesus pelo mundo e pelo seu rebanho, a incumbência das pessoas que exercem o ministério eclesiástico é a de amar como se é amado por ele.³³

Outro aspecto a ressaltar a respeito da conversa de Jesus com Pedro, é que Jesus deixa claro que as ovelhas são dele: pastoreie, cuide das *minhas* ovelhas³⁴ (grifo meu). Mesmo sendo chamado ao ministério, Pedro não se torna dono do rebanho. O rebanho continua sendo de Cristo, que sempre será o Bom Pastor.³⁵ “A comunidade cristã pertence a Jesus Cristo e a ninguém outro”.³⁶ Ministros e ministros eclesiásticos, por mais bem sucedidos que sejam no exercício do ministério, jamais se tornam donos do rebanho. As ovelhas sempre serão propriedade de Cristo, e assim como ele ministra, também convida a com ele ministrar:

³¹ NOUWEN, 2018, p. 24

³² BRAKEMEIER, Gottfried. *Vocação e Profissão* – reflexões teológicas e práticas sobre o ministério na igreja. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2020. p. 49

³³ 1 João 4.7-19

³⁴ João 21.15-17

³⁵ João 10.10

³⁶ BRAKEMEIER, 2020, p. 23

Assim como Jesus ministra, quer que nós ministremos igualmente. Ele queria que Pedro apascentasse e cuidasse do seu rebanho, não como um 'profissional' conhece os problemas dos seus clientes e os resolve, mas como um irmão ou irmã vulnerável que conhece e é conhecido, que cuida e recebe cuidado, que perdoa e é perdoado, que ama e é amado.³⁷

Sendo assim, o exercício do ministério eclesiástico é uma tarefa segunda, uma resposta de amor ao amor que Cristo já revelou na cruz, e uma ação realizada dentro de um contínuo relacionamento com aquele que chama, vocaciona para a tarefa de cuidar de seu rebanho.

Pedro foi pastoreado para poder pastorear, foi cuidado para poder cuidar e, conforme os relatos do Novo Testamento, o seu ministério se tornou profícuo após este cuidado, após esta **poimênica** que Jesus lhe dispensou³⁸ (grifo da autora).

Como bem lembra Gottfried Brakemeier, antes de ser ministra ou ministro em determinada denominação eclesiástica, se é “ministros e ministras de Deus no evangelho de Cristo”.³⁹

2.2 Ministério eclesiástico – vocação do cuidado

Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam com o dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. (1 Pedro 5.1-3)

Assim como o apóstolo Pedro recebe de Cristo a incumbência de cuidar de seu rebanho, ele mesmo incumbe os presbíteros da recém implantada igreja a cuidarem do rebanho de Jesus. Assim como Cristo cuidou de seu rebanho, olhando para ele com sensibilidade, compaixão e misericórdia, trazendo alívio e cura para os sofrimentos das pessoas,⁴⁰ e incumbe Pedro de fazê-lo, as pessoas que exercem o ministério eclesiástico precisam compreender que o exercício de tal tarefa, é, acima de tudo, um ato de cuidado para com a Igreja de Jesus Cristo.

³⁷ NOUWEN, 2018, p. 39

³⁸ OLIVEIRA, 2012, p. 101

³⁹ BRAKEMEIER, 2020, p. 24

⁴⁰ OLIVEIRA, 2012, p. 100

É importante resgatar o exercício do ministério nessa perspectiva do cuidado. Cuidado é a palavra que converge para si toda a preocupação de Deus com a humanidade.⁴¹ E, dentre os conselhos que Pedro dá aos presbíteros está também a recomendação de não cuidar por ganância, nem como dominadores do rebanho: “O supremo pastor cuida dos seus pequeninos através de mulheres e homens que precisam se sentir livres e libertos de qualquer aspiração de poder, de domínio, de controle sobre os outros”.⁴²

Como afirma o autor Leonardo Boff, em sua obra *Saber Cuidar*: “Cuidado significa então desvelo, solidão, diligência, zelo, atenção, bom trato”.⁴³ Segundo Boff, cuidado é uma atitude fundamental, na qual o ser humano adquire a capacidade de sair de si mesmo e centrar-se nas outras pessoas. E, especificamente no tocante às pessoas que exercem o ministério eclesial como cuidadores, o autor usa a expressão latina “cura d’almas” para definir essa nobre função.⁴⁴

Por que esse ministério é curador? É curador porque elimina a falsa ilusão de que uma pessoa pode dar completude à outra. É curador porque não elimina a solidão, mas os convida a reconhecer sua solidão em um nível em que ela pode ser compartilhada [...] Com isso temos uma ideia de que tipo de ajuda um ministro pode oferecer. Ministros não são médicos, cuja tarefa primária é eliminar a dor. Ao invés, eles aprofundam a dor a um nível em que pode ser compartilhada. Quando as pessoas levam sua solidão aos ministros naturalmente esperam que a solidão seja entendida e sentida, de modo que não tenham mais que fugir dela, mas aceitá-la como expressão da condição humana básica.⁴⁵

Num mundo cada vez mais individualizado e individualista, “onde as pessoas cuidam apenas de si mesmas e têm em vista apenas o seu próprio bem-estar”,⁴⁶ talvez possa parecer um fardo assumir a responsabilidade de cuidar de outras pessoas. Afinal, a demanda da própria vida, e da própria família por si só, já pode ser considerada um peso. Porém, como também diz o autor Leonardo Boff, o

⁴¹ ANDRADE, Alek Sandro Silva de e SANTOS, Lyndon de Araújo. O cuidador e o fenômeno: perspectivas da prática pastoral hoje. In KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antônio Carlos (orgs). *Ministério Pastoral Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006. p. 66

⁴² ANDRADE e SANTOS, 2006, p. 66

⁴³ BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. 18. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 103.

⁴⁴ BOFF, 2012, p.103

⁴⁵ NOUWEN, Henri. *O Curador Ferido: ministério na sociedade contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. p. 122

⁴⁶ GRÜN, Anselm. *Cuidar de si e do Outro*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019. p. 17

cuidado é um “modo-de-ser essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade anterior”, e, sem o cuidado, perde-se a verdadeira humanidade.⁴⁷

Na presente pesquisa, parte-se da premissa básica de que os seres humanos foram criados por Deus. Portanto, têm uma origem divina: as mãos do Todo-Poderoso Deus os formaram. De acordo com Gênesis 1.26-27,⁴⁸ as pessoas foram criadas de forma peculiar, especial. Diferente dos animais e outros seres, que foram criados de acordo com sua espécie,⁴⁹ o ser humano foi criado segundo a espécie divina (imagem e semelhança de Deus):⁵⁰

A expressão ‘imagem de Deus’ é usada unicamente com referência aos seres humanos, e assim os separa das demais criaturas. Enquanto as demais criaturas são criadas ‘segundo suas espécies’, a humanidade é feita ‘à imagem de Deus’.⁵¹

Tal afirmação evidencia que é praticamente impossível ao ser humano conhecer a si mesmo, descobrir o seu potencial e valor em outro lugar que não seja em Deus. Agostinho de Hipona, ciente dessa realidade, declarou: “Fizeste-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em Ti”.⁵²

Em Deus a natureza humana é revelada! Em Deus e nas Escrituras os propósitos da existência das pessoas são evidenciados. Apenas e somente quando se debruçam sobre as Escrituras, no afã de conhecerem a Deus, é que as pessoas descobrem sua essência e sentido. Conforme Brakemeier, não se pode compreender devidamente a si mesmo quando se abstrai de Deus, pois ele é quem confere identidade. “A identidade e dignidade do ser humano emanam de sua qualidade de imagem de Deus”.⁵³

Outro aspecto a evidenciar nesses versículos de Gênesis 1, que tratam da criação dos seres humanos, é a constatação da presença da Trindade na criação

⁴⁷ BOFF, 2012, p 39

⁴⁸ Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

⁴⁹ Gênesis 1.21,24 e 25.

⁵⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca de Identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Editora Sinodal e São Paulo: Paulus, 2002. p. 18

⁵¹ WALTKE, Bruce. *Comentário do Antigo Testamento: Gênesis*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010. p. 76

⁵² AGOSTINHO, Santo. *Confissões* (tradução de Maria Luiza Jardim Amarante; revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antônio da Silveira Mendonça). São Paulo: Editora Paulinas, 1984. p. 15.

⁵³ BRAKEMEIER, 2002, p. 18

dos seres humanos, e o caráter relacional de Deus. Ao declarar “Façamos”,⁵⁴ uma palavra que denota pluralidade, a passagem de Gênesis revela não apenas a presença do Pai (Criador), mas torna clara a presença também do Filho e do Espírito Santo quando os seres humanos são criados: “Deus não existe como um ser solitário, mas como um ser em comunhão com ‘outros’. Deus existe como ‘pluralidade’”,⁵⁵ e ainda como diz Francis Schaeffer, em sua obra *O Deus que se Revela*, “as pessoas da Trindade comunicavam-se entre si e se amavam antes da criação do mundo”.⁵⁶

A humanidade foi criada à imagem e semelhança do Deus que, como nos mostra a Confissão de Augsburgo, é Pai, Filho e Espírito Santo:

Há uma só essência divina, que é chamada Deus e verdadeiramente é Deus. E, há três pessoas nesta única essência divina, igualmente poderosas, igualmente eternas, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, todas três uma única essência divina, eterna, indivisa, infinita, de incomensurável poder, sabedoria e bondade, um só criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis.⁵⁷

E, uma vez criados à imagem e semelhança de Deus, não se pode desconsiderar o fato de que, como ele, as pessoas são seres relacionais, seres em comunhão,⁵⁸ convidados primeiramente a se relacionarem com ele.⁵⁹

Deus nos conduz para um relacionamento com ele dentro do círculo de sua própria comunhão amorosa. O Deus que é ‘nós’ não é solitário, não é um ser abstrato, mas sim uma comunhão unificada de relações pessoais. E este Deus nos dá acesso à sua própria vida pessoal.⁶⁰

Por terem essa característica relacional herdada do próprio Deus,⁶¹ as pessoas carecem estar em relação constante com Deus e também com seus semelhantes. Desde o nascimento, as pessoas carecem de relações, especialmente relações de cuidado. O ser humano precisa de cuidados desde seu nascimento, e,

⁵⁴ Gênesis 1.26

⁵⁵ HOEKEMA, Anthony. *Criados à Imagem de Deus*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010. p. 24

⁵⁶ SHAEFFER, Francis. *O Deus que Se Revela*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007. p. 55

⁵⁷ MELANCTON, Filipe. *A Confissão de Augsburgo* – Edição comemorativa; publicado pela comissão Interluterana de Literatura. Editora Sinodal, Editora Concórdia e Encontro Publicações, 2005. p. 10.

⁵⁸ HOEKEMA, 2010, p. 26

⁵⁹ Para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. João 17.21

⁶⁰ GREEN e STEVENS, 2008, p. 16

⁶¹ SMITHER, 2012. p. 25

se não se empenhar em relações de cuidado ao longo da vida, perde sua própria essência humana, passando a viver no modo de ser impessoal,⁶² despersonalizado.

Afirma-se com isso, que cuidado não é apenas fardo da atividade ministerial, mas se trata de algo análogo à condição humana. Desta forma, quando incumbidos do exercício do ministério eclesiástico, se é pessoa cuidando de outras pessoas, exercendo e vivendo a humanidade, enquanto criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus. Contudo, cientes também das limitações e fragilidades, destaca-se o exercício do ministério eclesiástico, como sendo, acima de tudo, “profissão do cuidado”.⁶³

O teólogo brasileiro e luterano, já anteriormente citado Brakemeier, em sua recente obra *Vocação e Profissão*, afirma que o ministério tem natureza diaconal,⁶⁴ presume essencialmente serviço - assistência. Por essa razão, exercer o ministério, estar a serviço cuidando de outras pessoas, é uma realidade que também pode trazer sofrimentos às pessoas que se dispõem a essa tarefa. No entanto, de forma alguma, tais sofrimentos descredenciam ou desmerecem àqueles que se dispõem a essa nobre função:

O fato de os cristãos e pastores sofrerem não vai contra os ensinamentos da Palavra de Deus. Na maioria das vezes também não significa que eles têm pouca fé ou estão em pecado. Mesmo pessoas em perfeita paz e comunhão com Deus enfrentam períodos complicados, repletos de dores e angústias.⁶⁵

Por isso, no próximo tópico, serão trazidas algumas das causas que podem gerar sofrimento às pessoas que se dispõem ao exercício do ministério eclesiástico.

2.3 Possíveis causas de sofrimento no exercício do ministério eclesiástico

Enquanto pesquiso para escrever o presente trabalho, sou surpreendida por mais uma notícia de suicídio de um pastor conhecido.⁶⁶ Um jovem pastor que tira a própria vida e deixa desamparados a esposa, os filhos pequenos, a comunidade

⁶² GRÜN, 2019. p. 11

⁶³ OLIVEIRA, 2012, p. 19

⁶⁴ BRAKEMEIER, 2020, p. 20

⁶⁵ HEIMANN, 2016, p. 125

⁶⁶ FURTADO, João Luiz. *A humanidade dos servos e servas de Deus*. Disponível em <https://ipib.org/index.php/2021/03/24/a-humanidade-dos-servos-e-servas-de-deus/>. Acesso em 23/04/2021.

local, bem como centenas de outras pessoas que o acompanhavam nas mídias sociais, devido a palestras realizadas em diversas localidades.

Ser surpreendida com essa notícia traz à tona a necessidade de falarmos sobre os sofrimentos que o exercício ministerial pode trazer sobre a vida das pessoas que o desempenham. Contudo, sou grata por não ser a primeira a falar sobre esse problema. Sou precedida por pessoas que já têm se debruçado sobre essa temática,⁶⁷ e, por não ser esse o centro da presente pesquisa, farei apenas alguns apontamentos a respeito, e destacarei algumas das causas que acredito que podem ter a capacidade de gerar sofrimento às pessoas que exercem o ministério, e que, justificam a necessidade da mentoria – tema do próximo capítulo e assunto principal da presente pesquisa. Não falarei dos sofrimentos em si (stress, burnout, depressão...), mas de princípios que podem gerar grande parte dos sofrimentos experimentados no exercício do ministério eclesiástico.

2.3.1. Quando ministras e ministros pensam que são Deus

Como se afirmou anteriormente é Deus quem chama⁶⁸ e convida para estar com ele, e, a partir e dentro desse chamado também convida para o exercício do ministério eclesiástico – cuidar das ovelhas de Jesus Cristo. Cristo é o dono do rebanho, e a partir do relacionamento com ele, ministras e ministros recebem o privilégio⁶⁹ de serem cooperadores na tarefa de pastorear suas ovelhas:

Não é tarefa dos líderes cristãos andar por aí nervosamente tentando redimir as pessoas, salvá-las no último minuto, colocá-las no rumo certo, pois estamos redimidos definitivamente. Os líderes cristãos são chamados a ajudar os outros a afirmar essa boa-nova e tornar visível em eventos diários o fato de que por trás da cortina suja dos nossos dolorosos sintomas há algo maior para ser visto: a face de Deus, à imagem do qual somos moldados.⁷⁰

No entanto, envolvidos na correria da atividade ministerial, e diante da percepção das necessidades das pessoas, ministras e ministros tendem a esquecer

⁶⁷ Roseli M. K. de Oliveira, que tem abordado essa temática nas obras “Cuidando de quem cuida” e “Pra não perder a alma”, onde alerta para a necessidade de cuidado que têm também as pessoas que atuam em profissões de cuidado. Lembramos também de Thomas Heimann, que tem tratado da temática na Igreja Evangélica Luterana do Brasil, e aborda o tema em sua tese doutoral *Imagem e identidade pastoral: “A desidealização do ministério pastoral a partir da teologia luterana da graça proposta por Lutero”*.

⁶⁸ BRAKEMEIER, 2020, p. 42

⁶⁹ GUEVARA, Alfonso. *Pastores de Carne e Osso*. Rio de Janeiro: bvbooks Editora, 2017. p. 21

⁷⁰ NOUWEN, 2020, p. 65

que não são Deus.⁷¹ Percebe-se que alguns ministérios são focados em estilos de liderança empresariais, voltados ao ativismo, conduzidos por pessoas autossuficientes que esqueceram que são de carne e osso.⁷² Francis Schaeffer, pelo contrário, deixa claro que “o ser humano é pessoal e ainda assim é finito; logo, ele não representa um ponto de integração suficiente para si mesmo”.⁷³

Afirma-se, no entanto, que tal esquecimento pode até não ser intencional. Porém, podem-se perceber os sintomas de tal disfunção, quando ministras e ministros se sentem na responsabilidade de exigir de si respostas e ações muito além de suas reais capacidades. Cai-se então na tentação de agir para impressionar, arrancar elogios das ovelhas mais exigentes. Paul Tripp diz que “assim você ministra como alguém que é uma celebridade e não como alguém que ainda celebra o resgate da graça da qual, juntamente com os outros, continua a necessitar”.⁷⁴ E, cada vez que acontece um reconhecimento, um elogio, ministras e ministros podem se tornar autossuficientes, com a sensação de que conseguem pastorear muito bem sem o auxílio do dono do rebanho:

O que torna a tentação do poder aparentemente tão irresistível? Talvez porque o poder ofereça um fácil substituto para a difícil tarefa de amar. Parece mais fácil ser Deus do que amar a Deus, mais fácil controlar as pessoas do que amá-las, mais fácil ser dono da vida do que amar a vida. Jesus nos pergunta: ‘Você me ama?’ Nós perguntamos: ‘Podemos sentar à tua direita e à tua esquerda no teu reino?’ (Mateus 20.21).⁷⁵

No entanto, assim como João Batista, as pessoas que exercem o ministério eclesiástico precisam sempre recordar: “não sou o Cristo”.⁷⁶ Ministras e ministros são apenas amigas e amigos do noivo⁷⁷ (Jesus Cristo)! Portanto, a tarefa de

⁷¹ Alister McGrath diz que “A essência da inquietação humana, para muitos teólogos, é esse anseio, em seu âmago, de ser Deus. Não estamos dispostos a aceitar as coisas como elas são. Queremos ter mais – e queremos ficar no controle – comendo o fruto da ‘árvore do conhecimento do bem e do mal’ e construindo a torre de Babel”. Tal afirmação nos lembra de nossa natureza humana, rebelde e autossuficiente, revelada já nos primórdios da criação. MCGRATH, Alister. *Criação*. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 95

⁷² RAMIRES, David E. in GUEVARA, 2017, p. 14 e 15

⁷³ SHAEFFER, Francis. *O Deus que Se Revela*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007. p. 40

⁷⁴ TRIPP, Paul. *Vocação Perigosa*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 169

⁷⁵ NOUWEN, 2018, p. 49

⁷⁶ João 1.20

⁷⁷ Na Judéia, mas não na Galileia, era costumeiro haver dois desses amigos ou *paraninfos*, um em favor do noivo e outro em favor da noiva. Eram eles os responsáveis pelos arranjos das cerimônias dos esponsais, com todas suas diversas tarefas, e, finalmente, conduziam o casal à câmara nupcial. Por ocasião da festa de casamento ofereciam presentes e cuidavam do noivo e da noiva. Após o matrimônio, era dever do amigo do noivo manter os termos apropriados entre o casal, defendendo a fama da noiva. Nos escritos rabínicos, Moisés é definido como o *amigo do noivo*, que conduziu a noiva (Israel) ao encontro de Jeová, no Sinai (Êxodo 19.17). Esses escritos

ministrar não coloca as pessoas incumbidas dessa tarefa no centro, num lugar mais importante, mas sim lhes dá a responsabilidade de levar as ovelhas até o Bom Pastor.⁷⁸ Voltando à figura de linguagem usada por João Batista, como amigas e amigos do noivo, a tarefa do ministério é a de se alegrar quando a noiva (igreja de Jesus Cristo) e o noivo (Jesus) se encontram.

Ele (Jesus) nos pede para trocarmos a nossa preocupação pela relevância por uma vida de oração, a nossa empolgação com popularidade por um ministério recíproco, uma liderança edificada sobre o poder por uma liderança em que discernimos criticamente para onde Deus está guiando tanto a nós quanto ao nosso povo.⁷⁹

Quando as pessoas que exercem o ministério se recordam de que não são Deus, mas seus cooperadores e cooperadoras, um fardo sai de seus ombros. Pois, como bem lembra Brakemeier:

Certamente não dispomos de receita pronta para sanar as patologias deste mundo. É Deus quem salva. Nossa vocação é mais modesta e, no entanto, altamente salutar. Cabe-nos apontar para a fonte da qual jorra a vida. Sabemos de um endereço a que nos dirigir nas angústias produzidas por pecado, dor e morte. Mais não podemos fazer. E, no entanto, isso é fundamental. Tal trabalho, eu o arrisco a dizer, é não só vital como também gratificante. Pois não é de fardo que consiste o exercício do ministério eclesialístico. Quem ainda não experimentou a alegria que ele pode proporcionar?⁸⁰

Sendo assim, se pode ficar tranquilo ao lembrar que, quando as limitações ou imperfeições pessoais se impuserem, o Deus bom,⁸¹ pessoal infinito⁸² a quem se serve irradiará a sua luz e suprirá as necessidades das pessoas que exercem o ministério - ora por meio de pessoas que poderão auxiliar em áreas que não se domina, ou mesmo agindo por outros meios a fim de conduzir conforme sua boa,

rabínicos, pois, tal ofício sempre é apresentado como envolto em grande alegria e senso de realização e honra. O próprio Jesus usou essa metáfora com respeito a si mesmo, onde ele aparece como noivo (Marcos 2.19). Paulo desenvolveu a metáfora no que diz respeito à igreja como a noiva, Jesus Cristo como noivo, e ele mesmo, Paulo como o apóstolo dos gentios, como o amigo do noivo (2 Coríntios 11.2; Efésios 5.23-32). Essa imagem simbólica é novamente repetida no Novo Testamento nos trechos de Apocalipse 19.17 e 21.2. Por conseguinte, a alegria de João consistiu em conduzir a noiva à presença do noivo, e isso ele fez ao cumprir o seu ofício de precursor, e subseqüentemente, ao entregar vários de seus discípulos aos cuidados de Jesus. O *ponto central* dessa narrativa inteira é que o amigo do noivo não serve de rival, e que, apesar de estar numa posição exaltada, não pode ser considerado, em dignidade, com o próprio noivo. CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Volume 2: Lucas, João*. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 317 – explicação de João 3.29.

⁷⁸ João 10.10

⁷⁹ NOUWEN, 2018, p. 59

⁸⁰ BRAKEMEIER, 2020, p. 29

⁸¹ Salmo 136.1-4

⁸² SHAEFFER, 2007, p. 51

perfeita e agradável vontade.⁸³ Peter Scazzero, em sua obra *Espiritualidade Emocionalmente Saudável*, sobre estar ciente de quem as pessoas são diante de Deus escreve:

Viver a vida dada por Deus envolve permanecer fiel ao verdadeiro ego; envolve distinguir seu verdadeiro ego das exigências e vozes ao seu redor e discernir a visão singular, o chamado e a missão que o Pai tem para você. Isso requer ouvir Deus no interior do seu ego e compreender que ele fez você de maneira singular. Conhecer sua personalidade, temperamento, amores e desafetos, pensamentos e sentimentos, tudo contribui para sua descoberta.⁸⁴

Quando as pessoas que exercem o ministério têm ciência de quem são e a consciência das próprias limitações,⁸⁵ e lembram que mesmo assim são pessoas amadas por Deus⁸⁶ (tu sabes todas as coisas), conseguem encontrar liberdade e leveza para o exercício da atividade ministerial.

2.3.2 Quando ministras e ministros ignoram seu relacionamento com Jesus

Toda vocação acontece a partir do relacionamento com Cristo! O primeiro convite de Jesus sempre é para o discipulado, para a caminhada com ele. E, dentro deste relacionamento com Cristo, é que acontece a vocação para o exercício do ministério eclesiástico. Como, porém, exercer o ministério sem um contínuo relacionamento com esse que chama?

Também a fé necessita do pão de cada dia. Ela precisa ser alimentada. Isso acontece por meio da oração e meditação, ou seja, por meio da vivência de espiritualidade evangélica. Nossas energias vêm de cima, pelo poder do Espírito Santo, pela palavra de Deus.⁸⁷

Como já foi mencionado anteriormente, ministras e ministros, enquanto pessoas que exercem o ministério eclesiástico, sempre serão primeiramente discípulas e discípulos de Jesus. “O discípulo deverá ficar no discipulado e olhar para aquele que vai adiante dele, e não para si mesmo e para aquilo que faz”.⁸⁸ O discipulado, portanto, pressupõe uma jornada com aquele que chama.⁸⁹ Contudo,

⁸³ Romanos 12.2

⁸⁴ SCAZZERO, Peter. *Espiritualidade Emocionalmente Saudável: desencadeie uma revolução em sua vida com Cristo*. São Paulo: Hagnos, 2015. p. 102

⁸⁵ SCAZZERO, 2015, p. 169

⁸⁶ SCAZZERO, 2015, p. 95

⁸⁷ BRAKEMEIER, 2020, p. 30

⁸⁸ BONHOEFFER, 2004, p. 96

⁸⁹ SCAZZERO, 2015, p. 147

com o passar do tempo, as pessoas que exercem o ministério tendem a ler a Bíblia não mais como forma de nutrir seu relacionamento com Deus e passam a utilizá-la profissionalmente. Deixam de ler a Escritura como devoção pessoal, e passam a olhá-la apenas como livro que aponta o que Deus quer mostrar às outras pessoas (à comunidade que pastoreiam). Como bem afirma Paul Tripp:

A confiança no Deus da Palavra vai sendo substituída progressivamente pela sua confiança em seu conhecimento e habilidade de lidar com a Palavra. Você é mais orientado para ser teologicamente informado do que para ter seu coração e sua vida radicalmente transformados pela Palavra de Deus. Existe a possibilidade de que você tenha um coração voltado para a Palavra (uma busca pela perícia teológica e conhecimento bíblico), mas não um coração voltado para o Deus da Palavra?⁹⁰

No exercício do ministério eclesial, manuseia-se muito a Bíblia. Porém, com o passar do tempo, tende-se a lidar com ela apenas como se fosse uma ferramenta de trabalho,⁹¹ e não mais como fonte de devoção, crescimento e comunhão com Deus. Eugene Peterson diz que “não são necessários muitos anos nesse negócio para perceber que podemos conduzir um ministério pastoral razoavelmente respeitável sem dar a Deus muito mais do que uma atenção cerimonial”.⁹²

Reconheço que, depois dos primeiros anos de ministério, minha relação com a Bíblia também se tornou meramente profissional. Eu ainda continuava tendo reverência a Deus, e certo amor ao Senhor que havia me chamado. Porém, meus momentos a sós com Deus por meio da leitura da Palavra e da oração se tornaram escassos. Lia as Escrituras nos encontros da igreja e para preparar minhas pregações. Percebi que havia perdido o encantamento.⁹³ Também já não tinha mais os momentos de oração pessoal. Sentia-me seca, árida.

Anselm Grün define oração como respiração da alma. Ele afirma que é por meio da oração que a alma respira e se torna vívida. Segundo ele: “Oração é, portanto, encontro com Deus”.⁹⁴

⁹⁰ TRIPP, 2014, p. 169

⁹¹ TRIPP, 2014, p. 168

⁹² PETERSON, Eugene. *O Pastor Segundo Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. p. 11

⁹³ Carlos Queiroz, em sua obra *Ser é o Bastante*, ao falar sobre o Reino de Deus apresentado no sermão do monte afirma que: “Submeter-se ao senhorio de Jesus Cristo é, portanto, submergir na vida em sua forma mais primária, original e singela. Até porque, fora do jeito original, já não é mais vida e sim morte. O novo Reino é o mais *a priori* Reino da Vida: transcendente, sobrenatural, encantamento com o ser”. QUEIROZ, 2003, p. 25

⁹⁴ GRÜN, 2019, p. 92

Se oração é encontro com Deus, pressupõe-se, portanto, que é um encontro no qual existem dois sujeitos, onde há duas pessoas que se comunicam entre si. Oração é um ambiente onde ambos os sujeitos falam. Porém, precisa-se reconhecer que muitas das orações acabam sendo longos monólogos, onde apenas as pessoas falam (como se apresentassem uma lista de supermercado a Deus), sem esperar a fala dele. Por isso, cabe ressaltar também a importância de uma leitura orante, meditativa⁹⁵ da Sagrada Escritura:

O sacerdócio é exercer um ministério a partir do sagrado e não somente das atividades. O encontro com Deus, o descanso (shabat) em Sua presença, a prática da leitura orante da palavra de Deus favorecem o aquietar do coração e a própria reorganização interna que, por assim dizer, funcionam como uma decantação onde as 'partículas' se assentam aos poucos, propiciando transparência. Ou seja, estas práticas ajudam a se olhar a partir de referenciais espirituais e, neste sentido, proporcionam um conhecer-se e um cuidar-se, concomitantes.⁹⁶

Jesus, o filho de Deus orava.⁹⁷ “Sozinho, afastava-se para orar como uma forma de cuidado a si mesmo, além de cuidar dos discípulos e das multidões que a acorriam”.⁹⁸ Se Jesus necessitava orar, carecia desses momentos a sós com seu pai, quanto mais ministras e ministros necessitam desses momentos!⁹⁹ Roseli M. K. de Oliveira, em sua outra obra *Pra Não Perder a Alma* afirma:

A oração como ouvir a Deus é mais do que só ficar falando. A vida espiritual requer a disciplina de aprender a ouvir Deus, que constantemente fala, mas a quem raramente ouvimos. Porém, quando aprendemos a ouvir, nossas vidas se tornam vidas obedientes. A vida de Jesus foi uma vida de obediência. Estava sempre escutando o Pai, sempre atento à sua voz, sempre alerta às suas direções. Jesus era 'todo ouvidos'. Isto é a verdadeira oração: ser 'todo ouvidos' para Deus.¹⁰⁰

Sem esses momentos de encontro com Deus, por meio da leitura da Palavra e da oração, me vi tomada por cansaço e esgotamento, a ponto de, depois de cerca de 10 anos de exercício de ministério ordenado declarar aos amigos mais próximos:

⁹⁵ Ler a Bíblia meditativamente significa fazê-lo como quem saboreia as palavras; significa saber parar quando um texto ou mesmo uma palavra nos toca, nos fala ao coração diretamente, nos fortifica; significa permanecer com essa palavra sem a necessidade de procurar outras, e tão longamente quanto ela se mover em nós, operar em nós, realizar em nós. Operar o quê? Realizar o quê? Gerar o quê? A alegria de viver, a segurança da presença de Deus, se sua salvação, de seu amor incondicional. LUDOVICO, Osmar. *Meditatio*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 20

⁹⁶ OLIVEIRA, 2012, p. 113

⁹⁷ STRECK, Edson e WEHRMANN, Günther. Obreiros podem falar de seus conflitos? *Estudos teológicos*, 1988. p. 274

⁹⁸ OLIVEIRA, 2012, p.100

⁹⁹ SCAZZERO, 2016, p. 129

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Roseli M. K. de. *Pra Não Perder a Alma: o cuidado aos cuidadores*. Porto Alegre: Evangraf, 2018. p. 90

“não quero mais ser pastora de comunidades”. Lógico que outros fatores impulsionavam essa afirmação. Mas, naquele momento, não conseguia mais me ver no exercício do ministério ordenado.

Depois de um tempo, já em outra cidade e exercendo o ministério não mais em comunidade, mas num centro de formação teológica, tive a oportunidade de cursar uma Pós-Graduação em Espiritualidade Cristã. Foi de fundamental importância redescobrir o prazer da leitura devocional¹⁰¹ da Escritura. Reaprendi a organizar o meu dia a partir dos meus momentos devocionais. Voltei a ler a Palavra com olhos de aprendiz, permitindo também que ela me lesse.¹⁰²

Carlos Hernández diz que “toda leitura é uma escuta da Palavra, escuta que requer, por sua natureza sagrada, a melhor atenção de que dispomos. Atenção para ouvir a articulação da voz do Senhor Jesus, a Palavra de Deus”.¹⁰³

Adquiri também o hábito de fazer anotações.¹⁰⁴ escrever um diário de orações.¹⁰⁵ Desta forma, também pude perceber por quais caminhos Deus está me conduzindo! E, pouco a pouco, novamente fui me encantando com a Escritura, com o Cristo que ela revela.¹⁰⁶

O encontro diário com Deus durante a leitura da sua Palavra, sob atenta direção do Espírito Santo, transforma todo o nosso ser, muda a nossa maneira de pensar, agir e sentir, e gera novas imagens que, por sua vez, configuram novos ideais, desejos, orientações, bem como nossa capacidade reflexiva. Ao ser transformados pela ação do Espírito Santo, mais nós mesmos somos; temos reafirmada nossa verdadeira identidade, aquela para qual fomos criados.¹⁰⁷

Lembro-me de, no último dia de aula da Pós-Graduação, testemunhar para meus colegas, em meio a lágrimas, que Deus voltara a ser Deus para mim, bem como a Bíblia tornara a ser Sua Palavra! E, deste relacionamento restaurado, começou a surgir o desejo de voltar a pastorear comunidades.

¹⁰¹ HERNÁNDEZ, Carlos José. *Leiamos a Bíblia*. Guia para leitura meditativa. Joinville: Editora Grafar, 2015. p. 26

¹⁰² Na devoção se produz uma inversão de mirada, passamos do ver ao ser vistos. A este processo denominamos “mirada icônica”, na qual somos abarcados. De estar lendo a Palavra, passamos a ser lidos por ela. HERNÁNDEZ, 2015. p. 32

¹⁰³ HERNÁNDEZ, 2015, p. 32

¹⁰⁴ OLIVEIRA, 2018, p. 90

¹⁰⁵ SCAZZERO, Peter. *O Líder Emocionalmente Saudável*: como a transformação de sua vida interior transformará sua igreja, sua equipe e seu mundo. São Paulo: Hagnos, 2016. p. 69

¹⁰⁶ HERNÁNDEZ, 2015, p. 32

¹⁰⁷ HERNÁNDEZ, 2015, p. 21

Hoje me encontro novamente, há quase dois anos, cuidando de pessoas em comunidades. Percebo, no entanto, que a tentação de deixar de lado a vida devocional é muito grande. Porém, sei onde o distanciamento dos momentos a sós com Deus, por meio da leitura da Palavra e da oração podem me levar. Diariamente me esforço para não transformar o principal em algo secundário ou irrelevante. Tenho aprendido que sem me alimentar da Palavra, definho e perco as forças para exercer o ministério.

A Escritura nutre a Comunidade Santa, assim como o alimento nutre o corpo humano. Os cristãos não se limitam a ler, estudar ou usar as Escrituras; nós a assimilamos e aplicamos às nossas vidas de tal forma, que ela é metabolizada em atos de amor.¹⁰⁸

Não há como ministrar a Palavra desejando convencer as pessoas sobre o amor de Deus, se as pessoas que exercem o ministério não tiverem mais convicção desse amor. “Sem amor genuíno, sem uma fé inteligente, sem fervor de espírito, o discípulo não contagia ninguém, não torna interessante nem atraente o seu testemunho”.¹⁰⁹ Se ministras e ministros perderem o encantamento, como esperar que as pessoas que os ouvem se encantem com Cristo e com as Escrituras?

A principal causa de muitos sermões, aulas da escola dominical ou estudos bíblicos serem vazios não é que os fatos corretos estejam ausentes. É porque não é mais do que uma discussão intelectual do ponto de vista racional – portanto não há iluminação espiritual [...] O que torna a mensagem vazia é que o Espírito Santo não está presente para dar vida e significado. Por quê? Porque achamos que podemos, de alguma maneira, fazer um trabalho espiritual, pois não oramos pela iluminação do Espírito Santo. Porque não reconhecemos nossa necessidade do Espírito Santo e desejamos sua obra. Deus é, portanto, incapaz de conceder dons e uma bênção de iluminação espiritual para nós. Deus não pode nos levar a toda a verdade porque não ansiamos e esperamos que o Espírito nos guie.¹¹⁰

Da mesma forma, não há como esperar que as pessoas a quem se fala dediquem ao Senhor as suas vidas se, para ministras e ministros o serviço a Ele não passa de mera profissão.

Precisamos de pastores que amem a Deus mais do que sucesso pessoal. Precisamos de pastores que se afadiguem na Palavra e tragam alimento

¹⁰⁸ PETERSON, Eugene. *Coma Este Livro: a comunidade santa à mesa com as Sagradas Escrituras*. Niterói: Editora Textus, 2004. p. 15

¹⁰⁹ QUEIROZ, 2003, p. 111

¹¹⁰ DRESCHER, 2019, p. 57

nutritivo para o povo. Precisamos de pastores que conheçam a intimidade de Deus pela oração e sejam exemplos de piedade para o rebanho.¹¹¹

As pessoas que exercem o ministério eclesiástico carecem constantemente recordar que, para exercer o ministério, seus corações precisam estar alinhados ao coração de Deus,¹¹² por meio de uma rotina diária¹¹³ de leitura da Palavra e oração. Sem essa devoção diária e constante é praticamente impossível exercer um ministério profícuo e relevante. Lembrando da atitude de Maria, quedada aos pés de Cristo para ouvi-lo,¹¹⁴ Streck e Wehrmann afirmam:

Qual é a boa escolha de Maria? Ela sabe que o serviço de Jesus a nós precede o nosso serviço. Ela sabe que não pode servir a Jesus, sem ser servida por ele primeiramente. Sabe que não pode pregar à comunidade, sem antes ter ouvido a mensagem para si mesma. Por isso ela se senta aos pés de Jesus e escuta seu ensino. Cristo quer libertar a nós pastores para tal postura e atitude do escutar a Deus — escutar para nós pessoalmente, sem logo pensar na pregação para a comunidade. O escutar a Deus aguça os ouvidos para o clamor do mundo.¹¹⁵

2.3.3 Quando ministras e ministros compreendem que a única maneira de se relacionar com Deus é fazer para ele

Mas ele respondeu ao seu pai: 'Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse seu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!' 'Disse o pai: 'Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu''. (Lucas 15.29-31)

Historicamente tende-se a compreender a parábola relatada em Lucas 15.11-32 como a "Parábola do Filho Pródigo". A parábola do filho que após pedir sua herança,¹¹⁶ abandona o pai e sua casa,¹¹⁷ e depois de desperdiçar tudo o que havia recebido,¹¹⁸ retorna pedindo para ser escravo na casa do pai.¹¹⁹ No entanto, é

¹¹¹ LOPES, Hernandes Dias. *De Pastor a Pastor*: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: United Press, 2008. p. 8

¹¹² DIAS, Silas Barbosa. *Mentoria aos Meus Alunos*. Volume 1: Vocação e Propósito. Swindon, Reino Unido: Ad Verbum, 2017. p. 65 e 67

¹¹³ HERNÁNDEZ, 2015, p. 30

¹¹⁴ Lucas 10.38-42

¹¹⁵ STRECK e WEHRMANN, 1988, p. 275

¹¹⁶ Lucas 15.12

¹¹⁷ Lucas 15.13

¹¹⁸ Lucas 15.14

¹¹⁹ Lucas 15.21

necessário reconhecer que ambos os filhos estavam perdidos.¹²⁰ O filho mais velho, apesar de permanecer na casa do pai, também se encontrava distante dele,¹²¹ perdido em seus muitos “afazeres” realizados para o pai.

Diz a parábola que o filho mais velho, ao retornar para casa do trabalho no campo,¹²² e, ao ouvir a festa que o pai oferecera ao seu irmão mais novo que voltara depois de passar um longo período fora de casa, se ressentido e se recusa a participar dela.¹²³ O filho mais velho se recusa a participar da alegria do pai pelo filho mais novo que retornara depois de tanto tempo ausente.¹²⁴ Então o pai vai ao encontro do filho mais velho e insiste com ele para entrar e celebrar o retorno do irmão mais novo.¹²⁵ O filho mais velho responde: “Olha! Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens”.¹²⁶ Nessa queixa, fica evidente que “obediência e dever se tornaram um peso e o trabalho, uma escravidão”.¹²⁷ O filho mais velho se ressentido por ter se dedicado arduamente ao trabalho, enquanto seu irmão havia desperdiçado os bens vivendo de maneira irresponsável.¹²⁸

O filho mais velho, assim como o filho mais moço, também se encontrava distante do pai. Sua relação com o pai era baseada no que ele fazia, não mais na possibilidade de convívio que existia pelo fato de estar ainda residindo na casa do pai:¹²⁹

O desacerto do filho mais velho, entretanto, é mais difícil de identificar. Afinal de contas, ele fez tudo o que devia. Foi obediente, cumpridor de suas obrigações, respeitador das leis e trabalhador. As pessoas o respeitavam, admiravam-no, elogiavam-no e consideravam-no, igualmente um filho modelo. Aparentemente o filho mais velho era sem defeitos. Mas, quando se defronta com a alegria do pai pelo filho que volta, surge uma onda de revolta que explode, chegando à superfície. De repente, aparece ali nitidamente uma pessoa ressentida, orgulhosa, má, egoísta; alguém que

¹²⁰ NOUWEN, Henri J. M. *A Volta do Filho Pródigo: a história de um retorno para casa*. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 76 e KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo: uma análise completa da história mais importante que Jesus contou*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p. 37

¹²¹ NOUWEN, 2007, p. 78

¹²² Lucas 15.25

¹²³ Lucas 15.28

¹²⁴ NOUWEN, 2007, p. 81 e KELLER, 2016, p. 45

¹²⁵ Lucas 15.28

¹²⁶ Lucas 15.29

¹²⁷ NOUWEN, 2007, p. 77

¹²⁸ KELLER, 2016, p. 46

¹²⁹ KELLER, 2016, p. 69

permaneceu profundamente escondido apesar de estar crescendo e se fortalecendo ao logo dos anos.¹³⁰

Percebe-se que também no exercício do ministério eclesiástico tende-se a perder o coração quando a relação com Deus se resume apenas ao que se pode fazer para ele:

Eu estivera trabalhando duro na fazenda de meu pai, mas nunca, na verdade, me regozijara pelo fato de estar em casa. Em vez de me sentir agradecido pelos privilégios a mim concedidos, eu me tornara uma pessoa ressentida: Ciumento de meus irmãos e irmãs mais jovens que tanto tinham se aventurado e que eram recebidos de volta com tanto carinho.¹³¹

E, assim, quando ninguém nota, reconhece ou elogia o trabalho, ministras e ministros tendem a sentir-se inúteis e muito facilmente entregam-se ao desânimo e à amargura.¹³² Timothy Keller, corroborando com este raciocínio traz o seguinte relato:

Conheci uma mulher que trabalhou por muitos anos no ministério cristão. Quando uma doença crônica se abateu sobre ela na meia-idade, ela caiu em desespero. Por fim percebeu que, no fundo do seu coração, sentia que Deus lhe 'devia' uma vida melhor, depois de tudo o que havia feito por ele. Essa suposição tornou sua recuperação extremamente difícil, ainda que tenha conseguido se reerguer. A chave para a superação, no entanto, foi reconhecer a mentalidade de irmão mais velho que a dominava.¹³³

Constata-se que, no exercício do ministério eclesiástico, a pessoa que o exerce pode se tornar como o filho mais velho, trabalhando incansavelmente, correndo para atender todas as demandas da comunidade, sendo que o seu coração permanece distante e indiferente àquele que, antes de querer o seu trabalho, deseja apenas a sua companhia. O Pai quer intimidade com seus filhos!¹³⁴ Cristo deseja proximidade com seus discípulos. Por isso, cabe questionar se de fato, quando se entregam de maneira desenfreada ao trabalho, ministras e ministros desejam a glória de Deus ou a sua própria glória.¹³⁵ Quando a relação com Deus se fundamenta apenas no que se pode fazer para ele, as pessoas que exercem o ministério ficarão sempre com a sensação de que o Pai está em débito com elas, que o que recebem não faz jus ao seu esforço e dedicação.¹³⁶

¹³⁰ NOUWEN, 2007, p. 78

¹³¹ NOUWEN, 2007, p. 29

¹³² NOUWEN, 2007, p. 79 e KELLER, 2016, p. 74

¹³³ KELLER, 2016, p. 65

¹³⁴ DIAS, 2017, p. 63

¹³⁵ KELLER, 2016, p. 66

¹³⁶ KELLER, 2016, p. 77

Compreende-se que, muito mais do que estar interessado no que as pessoas podem fazer para ele, Deus está interessado em ter um relacionamento profundo e significativo com elas:

Somente o pai é bom. Ele ama ambos os filhos. Ele corre ao encontro de ambos. Ele quer que os dois se sentem à sua mesa e participem da sua felicidade. O filho mais jovem se deixa abraçar num abraço de perdão. O mais velho fica para trás, olha para o gesto compassivo do pai, e não pode ainda esquecer a sua raiva e deixar que o pai o cure também. O amor do Pai não se impõe aos seus queridos. Embora ele deseje sanear todos os nossos cantos escuros, somos ainda livres para fazer nossa escolha – se queremos permanecer nas trevas ou penetrar na luz do amor de Deus. Deus está lá. A luz de Deus está lá. O perdão de Deus está lá. O amor de Deus sem limites está lá. O que é claro é que Deus está sempre pronto a dar e a perdoar, não dependendo absolutamente da nossa resposta. O amor de Deus não depende de nosso arrependimento ou de nossas mudanças internas ou externas. Quer eu seja o filho mais jovem ou o filho mais velho, o único desejo de Deus é o de me fazer voltar para casa.¹³⁷

Muito mais do que fazer para Deus, o convite é para ser a partir dele, a desfrutar da sua companhia,¹³⁸ e para cooperar com ele em seu empreendimento de salvar o mundo.¹³⁹ Quando se descobre que se pode trabalhar *com* ele, e não apenas *para* ele, o exercício do ministério se torna leve e até prazeroso.

Destaca-se também o relato de Lucas 10.1-20, onde Jesus envia setenta e dois discípulos de dois em dois para pregarem o Evangelho. Quando estes retornam, compartilham cheios de alegria: “Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome”.¹⁴⁰ Ao que Jesus responde: “Contudo, alegrem-se, não porque os espíritos se submetem a vocês, mas porque seus nomes estão escritos nos céus”.¹⁴¹ Como bem retrata Scazzero, Jesus diz que “ele quer que os discípulos se lembrem de que a alegria deles vem do seu relacionamento *com* ele, não de suas realizações *para* ele”¹⁴² (grifos do autor). Ele também diz que o amor de Jesus é o maior dom que ministras e ministros podem oferecer:

Quem você é como pessoa – e especificamente quanto você ama – sempre terá um impacto maior e mais duradouro sobre os que estão ao seu redor do que o que você faz. O seu *estar com* Deus (ou não estar com Deus)

¹³⁷ NOUWEN, 2007, p. 86

¹³⁸ NOUWEN, 2007, p. 104 e 105

¹³⁹ “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3.16) e “Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (2 Coríntios 5.18) e DIAS, 2017, p. 95

¹⁴⁰ Lucas 10.17

¹⁴¹ Lucas 10.20

¹⁴² SCAZZERO, 2016, p. 33

acabará por anunciar o seu *fazer para Deus* o tempo todo¹⁴³ (grifos do autor).

O próprio Cristo tinha sua identidade completamente arraigada na declaração que ouvira de Deus no momento de seu batismo: “Tu és o meu filho amado”.¹⁴⁴ Jesus ouve essa declaração antes mesmo de ter a oportunidade de fazer qualquer coisa para Deus. Jesus tinha passado os primeiros trinta anos de sua vida no anonimato, se preparando para então finalmente fazer a obra de seu pai. Mas, mesmo sem nada fazer, ele já era filho amado do pai.¹⁴⁵

Logo em seguida, Jesus é levado ao deserto, onde após passar quarenta dias jejuando, é tentado por satanás.¹⁴⁶

As três tentações postas pelo Diabo para Jesus após quarenta dias no deserto focaram especificamente nesta questão de fazer *versus* estar. Duas das três tentações começam com as palavras: *Se tu és Filho de Deus... [faça algo]*. A terceira oferece um suborno para que Jesus, prostrado, adorasse [*Satanás*]. O Maligno pretendia que o *fazer* de Jesus – e não o *estar* com Deus – fosse o fundamento de sua vida e seu ministério. E isso está, creio eu, entre as primeiras tentações que o Diabo coloca diante de todo líder. Quando sucumbimos a isso, precipitamo-nos em iniciativas que Deus nunca nos pediu para empreendermos, tornando-nos desconectados do amor do Pai.¹⁴⁷

Com isso, evidencia-se que não são as obras realizadas pelas pessoas que exercem o ministério que determinam seu valor diante de Deus.¹⁴⁸ Ministras e ministros precisam recordar que são filhas e filhos muito amados,¹⁴⁹ e tudo o que fazem para Deus é apenas uma resposta amorosa ao amor que dele já receberam! Como pessoas que exercem o ministério eclesiástico, tudo o que ministras e ministros fazem na igreja de Jesus Cristo, é a partir desse amor, que precisa também ser a marca da vida e de todas as suas palavras e atitudes.

¹⁴³ SCAZZERO, 2016, p. 33

¹⁴⁴ Mateus 3.17

¹⁴⁵ SCAZZERO, 2016, p. 34

¹⁴⁶ Mateus 4.1-11

¹⁴⁷ SCAZZERO, 2016, p. 34

¹⁴⁸ SCAZZERO, 2016, p. 205

¹⁴⁹ “Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temer, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: ‘Aba, Pai’. O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus”. Romanos 8.15-16 e DIAS, 2017, p. 63

2.3.4 Quando ministras e ministros esquecem que são cooperadores com os outros

Como já foi mencionado anteriormente, devido ao caráter relacional de Deus, os seres humanos são pessoas em relação que necessitam estar em contato constante com outras pessoas. É impossível viver em isolamento. Martin Buber, um filósofo austríaco afirma que “o EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo TU”. Dizia também que “toda a vida atual é encontro”.¹⁵⁰

Jesus mesmo formou junto de si uma equipe de cooperadoras e cooperadores.¹⁵¹ E, quando os envia para exercerem o ministério, o faz enviando-os de dois a dois.¹⁵² O ministério não é tarefa para ser exercida de forma isolada, sem a presença de parceiras e parceiros de caminhada. Quando Jesus convida Pedro para pastorear o seu rebanho, não espera que ele exerça essa tarefa sozinho, sem o auxílio e companhia de outras pessoas. “De muitas maneiras diferentes Jesus mostrava que ministrar é uma experiência coletiva e mútua”.¹⁵³

No entanto, uma das queixas mais comuns das pessoas que exercem o ministério eclesial é a solidão.¹⁵⁴ Muitas vezes essa solidão se deve ao fato de ministras e ministros exercerem o ministério em regiões geograficamente distantes de sua família de origem. Porém, se faz necessário, na ausência de familiares próximos, ou de colegas de ministério nas comunidades onde atuam, buscar entre os membros das comunidades aos seus cuidados parceiras e parceiros de caminhada. As pessoas que exercem o ministério são chamadas a amar as pessoas que se encontram sob seus cuidados:

Portanto, o verdadeiro ministério deve ser mútuo. Quando os membros de uma comunidade de fé não podem verdadeiramente conhecer e amar o seu pastor, o pastorado rapidamente se torna uma maneira sutil de exercer poder, e começa a mostrar sinais de autoridade e ditadura. O mundo em que vivemos, um mundo de eficiência e controle, não tem modelos àqueles que querem ser pastores semelhantes a Jesus [...] está claro que um tipo totalmente novo de liderança é necessário para a Igreja de amanhã, uma igreja que não é moldada segundo os jogos de poder deste mundo, mas segundo o servo-líder, Jesus, que veio para dar a sua vida para a salvação de muitos.¹⁵⁵

¹⁵⁰ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. p. 13

¹⁵¹ Marcos 3.13-18; Mateus 10.1-4; Lucas 6.12-16

¹⁵² Lucas 10.1-12

¹⁵³ NOUWEN, 2018, p. 37

¹⁵⁴ OLIVEIRA, 2012, p. 81; HEIMANN, 2016, p. 148.

¹⁵⁵ NOUWEN, 2018, p. 40

Lógico que, a exposição traz também seus riscos. As pessoas que exercem o ministério podem se tornar vulneráveis ao renunciar o controle ao cuidar dos membros como se fossem seus iguais. Porém, o grande e maior exemplo é o próprio Cristo Jesus, o supremo pastor,¹⁵⁶ que abriu mão da glória e se fez pessoa:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!¹⁵⁷

Henri Nouwen também convida ministras e ministros a serem membros completos das comunidades junto às quais exercem o ministério. Ele desafia a prestar contas, a ministrar com todo o ser, inclusive com as feridas. Nouwen convida a ministrar como servos, pois quem ministra também carece do carinho das pessoas a quem serve.¹⁵⁸

Os pastores não têm alternativa. Se quiserem, de fato, cuidar de suas ovelhas, se envolverão com suas dores, angústias e sofrimentos. Cuidar de pessoas é estender a mão quando a doença chega ou a dor da perda de um ente querido acontece. Pastorear é auxiliar pessoas afetadas pela solidão e ajudar quem está triste e deprimido. É ter misericórdia das pessoas que sofrem. Este é o trabalho pastoral. Ser pastor não significa tentar ignorar o sofrimento ou tentar explicá-lo. É simplesmente estar presente e demonstrar apoio, misericórdia e amor. O sofrimento sempre existiu e não pode ser ignorado. Pessoas sofrem, esta é a realidade incontestável.¹⁵⁹

Imprescindível também é perceber na Sagrada Escritura como os apóstolos ansiavam pela comunhão das irmãs e dos irmãos que estavam distantes. Tal percepção mostra que eles nutriam relacionamentos profundos com as pessoas a eles confiadas:

Invadido por grande saudade, Paulo pede a presença de Timóteo, 'meu querido filho na fé', para fazer-lhe companhia na prisão nos últimos dias de vida, quer revê-lo e tê-lo a seu lado. Paulo não esqueceu as lágrimas de Timóteo por ocasião de sua última despedida (2 Timóteo 1.4). Ao recordar da comunidade de Tessalônica, Paulo ora: 'Noite e dia rogamos com instancia poder rever-nos' (1 Tessalonicenses 3.10), e o velho Joao sabe

¹⁵⁶ João 10.10

¹⁵⁷ Filipenses 2.5-8

¹⁵⁸ NOUWEN, 2018, p. 43

¹⁵⁹ BUHR, João Rainer. *O Sofrimento do Pastor: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores ainda hoje*. Curitiba: Editora Esperança, 2017. p. 44

que a alegria com os seus só será completa quando puder visitá-los e falar com eles pessoalmente, ao invés de lhes escrever (2 Joao 12).¹⁶⁰

Em meu primeiro campo de atividade ministerial, iniciado quando estava em fase final de formação, já tive o privilégio de atuar em equipe ministerial. Éramos quatro ministros, atuando num mesmo campo de atividade. Após concluir o processo de formação, e passar pela ordenação ao ministério, permaneci naquele campo e seguimos atuando em colegiado. Foi uma experiência rica, onde cada um de nós estava ciente de suas limitações e falhas, bem como de seu potencial. Atuávamos em equipe, e nosso relacionamento foi sempre cortês e cordial ao longo de mais de 10 anos de atividade conjunta. Hoje novamente me encontro atuando em equipe ministerial. Somos três ministros ordenados atuando em conjunto. Reunimo-nos semanalmente, com a finalidade de, além de tratar questões de agenda, partilhar dores, sonhos, ideias e ideais. Temos sido agraciados com a descoberta de que, ao ser realizada entre amigos, a tarefa de exercer o ministério eclesiástico, pode ser muito proveitosa. E, além de descobrir amigos entre os colegas de atividade ministerial, procuro fazer amigos entre os membros das comunidades onde atuo. Ao me despedir do primeiro campo de atividade ministerial, pude fazê-lo na convicção que me despedia de amigos, não só de membros de comunidades. E hoje, já depois de alguns anos fora, ainda mantenho contato com várias pessoas de lá.

Precisa-se reconhecer que muitas vezes o ministério eclesiástico se torna pesado, enfadonho, pois, ao invés de se enxergar nos colegas de ministério amigas e amigos, parceiras e parceiros de jornada, tende-se a vê-los como concorrentes, algozes, que disputam espaço e a atenção das pessoas que se deveria cuidar.

Palavras como estas revelam um problema grave, que marcou a igreja desde a caminhada de Jesus com seus discípulos, perpassando sua história ao longo dos tempos: a disputa pelos melhores lugares, a luta pelo poder. Esta ambição persegue o ser humano e apresenta-se como tentação aos discípulos de Cristo, inclusive aos pastores.¹⁶¹

Muito dessa solidão ministerial se deve a dificuldade de se dispor a relações de parceria, auxílio mútuo e companheirismo. Haverá sim pessoas desejosas por prejudicar. Mas, se não existir a disposição de se expor, muito provável que também não se encontrará pessoas amigas para dividir as cargas e auxiliar nas dificuldades que serão encontradas ao longo da caminhada ministerial.

¹⁶⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997. p. 10

¹⁶¹ STRECK e WEHRMANN, 1988, p. 274

Com esse último tópico, afirma-se que a necessidade de relacionamentos corrobora com o tema principal da presente pesquisa – a mentoria – caminhada com pessoas mais experientes, a fim de fortalecer, forjar e sustentar ministras e ministros no exercício do ministério eclesialístico.

3 MENTORIA – VIDA NA VIDA

“Se vocês quiserem educar seus meninos dentro de princípios louváveis, precisarão dar-lhes na mesma medida a pressão da disciplina e o alívio da brandura e afabilidade paternas. Todo aquele que educa crianças ou jovens tem afinal uma tarefa de liderança. **Sua liderança consiste em fazer com que deles emane a vida**, e em transmitir-lhes a vontade de crescer dentro da imagem de Deus, a imagem que Deus depositou em cada um deles”.¹⁶²
(grifo meu)

Olhando para a Sagrada Escritura, deparamo-nos com o fato de que a formação de novos líderes (profetas, discípulos, pastores...) acontecia num processo de acompanhamento pessoal - relacional. Assim como os discípulos foram formados acompanhando Jesus e vivendo com ele, a Escritura nos mostra que Eliseu fora formado acompanhando Elias,¹⁶³ Paulo foi, em parte, formado acompanhando Barnabé,¹⁶⁴ bem como Timóteo foi preparado acompanhando o apóstolo Paulo.¹⁶⁵

O processo de formação ministerial era relacional, vivencial. As pessoas que aspiravam ao ministério andavam junto a uma liderança mais experiente, que as acompanhava e ministrava com sua própria vida. Nessa caminhada conjunta, não só o aspecto intelectual era forjado, mas o todo da vida era integrado na formação da pessoa que aspirava ao ministério: “Quando eu falo em totalidade da vida, estou a dizer que ela envolve não só o aspecto da leitura teológica, mas da vida de oração, da vida moral, da vida psicológica e da saúde”.¹⁶⁶

Tomando o exemplo de Paulo e Timóteo, vemos recomendações muito pessoais sendo dadas ao Timóteo que doravante seria também líder e exerceria o ministério em comunidades. Paulo transmite recomendações quanto à alimentação,¹⁶⁷ prática da vida devocional,¹⁶⁸ e maneira de se portar perante a

¹⁶² GRÜN, Anselm. *A Sabedoria dos Monges na Arte de Liderar Pessoas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 75

¹⁶³ “Então Elias saiu de lá e encontrou Eliseu, filho de Safate. Ele estava arando com doze parelhas de bois, e estava conduzindo a décima-segunda parelha. Elias o alcançou e lançou a sua capa sobre ele. Eliseu deixou os bois e correu atrás de Elias. ‘Deixa-me dar um beijo de despedida em meu pai e minha mãe’, disse, ‘e então irei contigo’. ‘Vá e volte’, respondeu Elias, ‘pelo que lhe fiz’. E Eliseu voltou, apanhou a sua parelha de bois e os matou. Queimou o equipamento de arar para cozinhar a carne e a deu ao povo, e eles comeram. Depois partiu com Elias, e se tornou o seu auxiliar”. 1 Reis 19.19-21

¹⁶⁴ “Quando chegou a Jerusalém, tentou reunir-se aos discípulos, mas todos estavam com medo dele, não acreditando que fosse realmente um discípulo. Então Barnabé o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara, e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus”. Atos 9.26-27

¹⁶⁵ Atos 16.1-5 e DIAS, 2017, p. 15 e 16

¹⁶⁶ DIAS, 2017, p. 17

¹⁶⁷ 1 Timóteo 4.4

sociedade.¹⁶⁹ A formação nesse formato relacional era muito mais ampla e abrangente do que percebemos existir hoje nos centros de formação teológica. Os novos líderes aprendiam vendo fazer, fazendo junto, acompanhando seus mentores no dia a dia. Tinham suas vidas forjadas nessa convivência diária. Também não havia, aparentemente, aquilo que nossa era moderna costuma separar entre vida pessoal e vida profissional. O todo da vida era formado nesse processo de formação relacional.

Assim como os discípulos, Timóteo também foi ensinado acompanhando o apóstolo Paulo, e mais tarde, passou a assumir maiores responsabilidades:

Timóteo começou a viajar com Paulo e sua equipe na segunda viagem missionária. Posteriormente ele foi enviado, em algumas ocasiões, para ministrar no lugar de Paulo. As cartas de Paulo a Timóteo indicam que a Timóteo foi confiada uma responsabilidade maior, a de servir como pastor da igreja de Éfeso [...] Após anos observando Paulo e recebendo incumbências de crescente responsabilidade, foi confiada a Timóteo a autoridade e a responsabilidade de pastorear a igreja de Éfeso, onde suas tarefas incluíam ensinar a doutrina, conduzir a igreja, equipar outros líderes e cuidar das viúvas.¹⁷⁰

Nos currículos dos centros acadêmicos, encontram-se disciplinas de teologia sistemática, homilética, hermenêutica, psicologia pastoral... Mas questiona-se se essa formação, apesar de ampla e profunda abrange a totalidade da vida, como acontecia nos processos de formação relacional encontrados na Sagrada Escritura.

No entanto, observando a história de homens e mulheres usados por Deus na liderança de seu povo, encontramos um modelo bem diferente de formação. Ao olharmos suas vidas, constatamos que, mais do que o mero treinamento formal, as suas variadas experiências, as diversas circunstâncias vividas e os relacionamentos desenvolvidos se apresentam como fatores determinantes de sua formação.¹⁷¹

Não se quer desmerecer nenhum centro de formação teológica. Mas, pergunta-se se apenas a formação acadêmica é suficiente para a formação e também para o acompanhamento de lideranças eclesiais?

¹⁶⁸ 1 Timóteo 4.13

¹⁶⁹ “Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem, mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza. Seja diligente nestas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso”. 1 Timóteo 4.12;15

¹⁷⁰ SMITHER, 2012, p. 32 e 33

¹⁷¹ SILVA, Ricardo Agreste. A formação de um líder é uma questão de vida. in SOUZA, Ricardo Barbosa de; STEUERNAGEL, Valdir (Orgs). *Nova Liderança: paradigmas de liderança em tempos de crise*. Curitiba: Encontro Publicações, 2002. p. 44.

Algumas faculdades 'de ponta', com todos os recursos tecnológicos e humanos, oferecem, é fato, uma formação primorosa. Contudo, observemos as notas atribuídas pelo MEC a diversos centros de formação de ensino, em geral pertencentes a grupos privados. Percebe-se que o objetivo maior não é o ensino de competência, e sim o lucro, por sinal, fantástico, dessas empresas. O anseio por um estudo universitário, usado como senha de acesso ao sucesso, ou à riqueza, faz com que milhares de jovens se esforcem e forcem suas famílias a uma dispendiosa formação. Os moldes do ensino universitário no Brasil, hoje, basicamente remetem à informação dada em sala de aula. Poucos centros de ensino dispõem de laboratórios ou convênios com instituições nas quais os alunos possam se exercitar com supervisão ainda durante seus estudos. Raros são os cursos que oferecem uma mentoria aos seus alunos ou recém-formados em estágios qualificados.¹⁷²

No capítulo anterior, definiu-se que ministério eclesiástico é todo e qualquer serviço eclesiástico realizado dentro e a partir do discipulado (vida com Cristo). A pergunta que se faz agora é se somente a formação acadêmica é suficiente para que líderes eclesiásticos permaneçam no discipulado, na caminhada com Jesus enquanto exercem a tarefa de liderar a Igreja de Jesus Cristo?

Quando concluí meu processo de formação teológica num centro acadêmico e passei pelo processo avaliativo para me tornar ministra ordenada, não fui questionada a respeito da minha vida devocional. Em nenhum momento me perguntaram se eu orava, se eu lia regularmente a Sagrada Escritura. Não me perguntaram se eu amava Jesus e estava disposta a permanecer nessa caminhada com ele durante o exercício do ministério ordenado. Antes, verificaram minha habilidade de conduzir um culto, meu conhecimento a respeito da Bíblia, das normas, da história e princípios teológicos da denominação à qual pertencço. Fui avaliada visando perceber se eu estava apta a fazer, porém, não foi verificado se eu estava disposta a continuar sendo discípula de Cristo enquanto ministra ordenada da denominação na qual exerceria o ministério.

No entanto, tais questionamentos a respeito do discipulado começaram a se fazer presentes quando comecei minha caminhada com a mentoria. Desde 2016 sou acompanhada por mentores. Em nossas conversas, sou perguntada sobre como está minha vida devocional e sobre quais aspectos Deus tem trabalhado em minha vida, sobre minha visão ministerial... Também me perguntam sobre minha saúde, alimentação e prática de exercícios físicos, bem como sobre minha vida conjugal e familiar. Outro aspecto da mentoria é o incentivo a leitura e à formação contínua.

¹⁷² OLIVEIRA, 2018, p. 48

Noto que a mentoria me incentiva a permanecer no discipulado (e a sempre de novo voltar para ele), a manter o encantamento com Cristo e também me ajuda a cuidar melhor de mim mesma enquanto pessoa que tem a tarefa de cuidar de outras pessoas.

Compreende-se que a mentoria, além de reduzir a solidão ministerial (coloca-nos em contato com outras pessoas, numa relação de cuidado e afeto), tem o potencial de auxiliar ministras e ministros a permanecerem na caminhada do discipulado, bem como apresenta o potencial de colaborar com a formação contínua da pessoa que exerce atividade ministerial. Muito mais do que uma formação teórica ou técnica, a mentoria propicia uma formação integral, onde todos os aspectos da vida podem ser forjados e aperfeiçoados.

Sendo assim, no presente capítulo se definirá a mentoria, bem como será averiguada a sua importância para a formação e o acompanhamento de pessoas que exercem o ministério eclesiástico. Intenciona-se buscar sua relevância para a vivência do discipulado no exercício do ministério.

3.1 Conceituação de Mentoria

A palavra “mentoria” tem sua origem em “Mentor”, personagem de Odisseia, livro clássico de Homero (possivelmente escrito no século VIII a.C.).¹⁷³ Mentor era amigo e homem da inteira confiança de Ulisses (personagem central da obra). Ulisses, antes de partir para sua jornada confia a Mentor o cuidado da sua casa e a educação de seu filho Telêmaco:¹⁷⁴

Tendo assim falado, sentou-se; e, em meio da assembleia, ergueu-se Mentor, companheiro do irrepreensível Ulisses, e a quem este, ao embarcar nas naus, havia confiado toda a sua casa: obediência haveria de ser prestada ao ancião que tudo guardaria intacto.¹⁷⁵

¹⁷³ SANTANA, Ana Lúcia. *Odisseia*. Disponível em <https://www.infoescola.com/literatura/a-odisseia/>. Acesso em 04/06/2021.

¹⁷⁴ ERNESTO DA SILVA, Carlos Roberto. *Orientação Profissional, Mentoria, Coaching e Aconselhamento*: Algumas singularidades e similaridades em práticas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* [en línea]. 2010, 11 (2), 299-309. ISSN:. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203016849014>. Acesso em 07/06/2021. p. 302

¹⁷⁵ HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2003. p. 34

Mentor recebe a incumbência de acompanhar e ajudar na formação do jovem Telêmaco. A leitura do clássico torna evidente a importância da figura de Mentor na vida de Telêmaco, tanto que diversas vezes em Odisseia, a deusa Atena (protetora de Telêmaco) assume a forma de Mentor para trazer alento e orientações ao jovem Telêmaco.¹⁷⁶

O termo “mentor”, portanto, está vinculado à obra Odisseia, e atualmente refere-se a “pessoa que, pela sua sabedoria ou experiência, ajuda outra como guia ou conselheiro; pessoa que inspira outras”.¹⁷⁷ No entanto, faz-se necessário afirmar que mentoria está além do que se compreende por aconselhamento, pois se presume que o mentor fale a partir de suas vivências e experiência:

Hoje na América, mentorear veio a ser sinônimo de aconselhar, informar, instruir, preparar e ministrar aprendizagem, ao passo que alguns contextos incluem ofícios, esportes, educação e belas artes. Embora os contextos e as culturas variem, mentorear significa, na essência, que um mestre, ou um perito, ou alguém que tem significativa experiência, **infunde conhecimento e habilidade a um novato em uma atmosfera de disciplina, compromisso e responsabilidade.**¹⁷⁸ (grifo meu)

Mentoria pressupõe o encontro e a caminhada entre alguém com maior experiência e vivências, com maior maturidade, disposto a infundir vida na vida de alguém que aspira, ou deseja alcançar crescimento em determinada área de sua vida. Na área corporativa, a mentoria é definida como:

[...] relacionamento entre um adulto jovem (mentorado) e um mais velho e experiente (mentor), o qual atua como patrocinador e treinador do mentorado, oferecendo-lhe proteção e trabalhos desafiadores que facilitem sua visibilidade, preparando-o para avanços na carreira.¹⁷⁹

Sidnei Oliveira, em sua obra *Mentoria*, afirma que “Todo conhecimento tácito, que também é conhecido como experiência, está nas mãos dos mais veteranos”.¹⁸⁰ Mentoria, portanto, é quando alguém mais experiente (não necessariamente mais velho) acompanha, auxilia, facilita processos de aprendizado em determinadas áreas que sejam do interesse da pessoa que busca mentoria. No

¹⁷⁶ HOMERO, 2003, p. 35, 39, 40

¹⁷⁷ Definição da palavra "mentor", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, Disponível em <https://dicionario.priberam.org/mentor>. Acesso em 06/06/2021.

¹⁷⁸ SMITHER, 2012, p. 12

¹⁷⁹ ERNESTO DA SILVA, 2010, p. 302

¹⁸⁰ OLIVEIRA, Sidnei. *Mentoria: elevando a maturidade e o desempenho dos jovens*. São Paulo: Integrare Editora, 2015. p. 28

meio empresarial, procura-se a mentoria para ascender profissionalmente, ou adquirir competências em áreas específicas da atuação profissional.¹⁸¹

James M. Houston define mentoria como “[...] o processo de ‘outrar’, isto é, aprender a valorizar a riqueza educacional que os outros nos trazem e também as habilidades sociais que eles nos ajudam a desenvolver”.¹⁸² Em suma, mentoria significa o relacionamento de alguém mais experiente e sábio que compartilha sua vida, vivências e saberes com outro que deseja aprender, aprimorar seus conhecimentos em determinadas áreas de sua atuação profissional ou ministerial ou vida pessoal. Mentoria pressupõe pessoas dispostas a “[...] passar adiante seus conhecimentos, agindo como uma referência, um modelo, um instrutor disposto a ensinar tudo o que sabia dando orientações e apontando direções”.¹⁸³

“Mentorar”, “mentoreio”, “mentoria” são palavras derivadas do termo “mentor”, que atualmente também são empregadas no meio eclesiástico. Contudo, é o meio corporativo/empresarial o nascedouro dessa temática. Não há registros desse termo ou equivalente exato nas Sagradas Escrituras:

Há porém, algumas palavras associadas que juntas expressam esse conceito. Encontramos, por exemplo, verbos como ‘fazer discípulos’, ‘ensinar’, ‘instruir’, ‘ser sadio’, e ‘seguir’, e também substantivos, como ‘discípulo’, ‘mestre’, ‘imitador’ e ‘instrução’. Com uma primária ênfase à noção de ‘discípulo’, consideremos as palavras chaves relacionadas com ‘mentorear’, que nos falam especificamente sobre a fé e a conduta próprias de um discípulo.¹⁸⁴

Apesar das aproximações etimológicas dos termos “discipulado” e “mentoria”, na presente pesquisa compreende-se discipulado como a caminhada com Cristo, ou seguimento a Ele (como já foi mencionado no capítulo anterior). No discipulado, Jesus sempre será o Mestre, o Discipulador. “Ele quer que pessoas recrutadas à fé permaneçam *seus* discípulos, *seus* aprendizes”¹⁸⁵ (grifos do autor). Já a mentoria tem o propósito específico da formação, validação e cuidado de líderes, visando um propósito específico:

Normalmente o mentor age como uma referência, uma pessoa disposta a demonstrar tudo o que sabe, orientando, apontando direções e

¹⁸¹ ERNESTO DA SILVA, 2010, p. 302

¹⁸² HOUSTON, James M. *Mentoria Espiritual*. Rio de Janeiro: Editora Sepal, 2003. p. 10

¹⁸³ OLIVEIRA, 2015, p. 27

¹⁸⁴ SMITHER, 2012, p. 12

¹⁸⁵ HENDRICKS, Howard D. e HENDRICKS, William G. *Como o Ferro Afia o Ferro. A formação do caráter por meio do mentoreamento*. 4. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2017. p. 176

estabelecendo desafios que permitam ao mentorado desenvolver seu conhecimento tácito a partir de suas experiências. Geralmente envolve aspectos de carreira e apoio psicológico, seu horizonte é de longo prazo, privilegia o desenvolvimento e o progresso graduais e não guarda necessariamente uma relação direta com qualquer tipo de hierarquia. A relação do mentor com o mentorado é marcada pelo respeito e pela confiança. Isso permite que sejam apresentados direcionamento em forma de conselhos, provocações e estímulos que permitam o desenvolvimento dos talentos do mentorado.¹⁸⁶

Faz-se necessário afirmar que não se compreende que exista uma classificação hierárquica de pessoas (algumas mais extraordinárias que as outras). Afirma-se, contudo, que a experiência de vida, ou mesmo a experiência em determinada função ou atividade (expertise adquirida), confere condições para ensinar, mentorar aqueles que almejam aprender ou ascender em determinados aspectos da vida (seja pessoal, ministerial ou profissional). Pessoas que se dispõem a mentorar estão comprometidas com duas coisas: ajudar pessoas a crescer e continuarem crescendo, bem como ajudá-las a realizar seus objetivos de vida.¹⁸⁷

A mentoria pode ser desenvolvida em dois formatos: formal ou informal.¹⁸⁸ O primeiro é estruturado, necessita de adesão e comprometimento das partes envolvidas. Existem denominações que desenvolvem programas de mentoramento para capacitar seus membros e colaboradores ministeriais. Já a mentoria informal não exige esse comprometimento, e pode acontecer em circunstâncias inusitadas e ordinárias do dia a dia:

Um estudante decide se especializar em determinada área de graduação, em grande parte, porque admira um de seus professores. O estudante faz todos os cursos que esse professor leciona, aparece regularmente em seu escritório e participa de projetos que ele sugere. Não há uma exigência oficial de que o estudante e o professor devam adotar esse tipo de relacionamento. Ele acontece naturalmente.¹⁸⁹

Também se faz necessária uma breve distinção entre mentoria e *coaching*. Apesar de serem dois termos amplamente utilizados atualmente no meio corporativo, expressam duas realidades distintas. Como já mencionamos anteriormente, mentoria pressupõe uma pessoa que, pela sua sabedoria ou experiência, ajuda outra como guia ou conselheiro. Trata-se de alguém com expertise em determinada área dispondo-se a orientar e ensinar outro alguém que

¹⁸⁶ OLIVEIRA, 2015, p. 36

¹⁸⁷ HENDRICKS e HENDRICKS, 2017, p. 25

¹⁸⁸ HENDRICKS e HENDRICKS, 2017, p. 97

¹⁸⁹ HENDRICKS e HENDRICKS, 2017, p. 98

está disposto aprender. Na mentoria o mentor só pode levar seu mentorado até onde ele mesmo já tenha conseguido chegar: “Você não pode dividir o que não possui”.¹⁹⁰

Coaching, no entanto, é um termo oriundo do mundo dos esportes, que “[...] designa o papel de professor, treinador, preparador, técnico”.¹⁹¹ De forma resumida, o *coaching* também auxilia a pessoa que se dispõe ao processo a ir de um lugar até outro, a descobrir ou ampliar o seu potencial. A diferença básica, porém, entre a mentoria e o *coaching*, é que nesse último não é necessário o conhecimento ou expertise na área específica em que o *coachee* (aquele que é guiado) necessita de auxílio:

O coach não precisa necessariamente deter conhecimentos específicos relacionados à área de atuação do seu *coachee*, pois o seu objetivo não é o de prover soluções. O que realmente é indispensável é que ele esteja junto, apoiando, orientando, sugerindo, fazendo questionamentos, dando feedbacks, abrindo caminhos e apresentando possibilidades.¹⁹²

Compreende-se que no meio eclesiástico, melhor se aplica a prática da mentoria. A prerrogativa de compartilhar a partir de experiências e vivências confere maior significado e legitimidade ao processo de ensino/aprendizagem.

A partir dessa conceituação e palavras introdutórias, serão analisadas três circunstâncias onde a prática da mentoria (ainda que não nominada) se fez presente na Sagrada Escritura. Optou-se pelos exemplos de Elias e Eliseu, Barnabé e Saulo/Paulo, bem de Paulo e Timóteo. Contudo, não significa que a mentoria não possa ser observada em outros relatos da Sagrada Escritura. Howard e William Hendricks, em sua obra *Como o Ferro Afia o Ferro*, já anteriormente citada, afirmam que “O mentoreamento era um modo de vida nos tempos bíblicos. Constituía a principal forma de transmissão de habilidades e sabedoria de uma geração para a outra”.¹⁹³

De acordo com Howard e William Hendricks, a mentoria acontece também entre Jetro e Moisés, Moisés e Josué, Moisés e Calebe, Samuel e Saul, Samuel e Davi, Jônatas e Davi, Elias e Eliseu, Joiada e Joás, Barnabé e João Marcos, Priscila

¹⁹⁰ HENDRICKS e HENDRICKS, 2017, p. 61

¹⁹¹ ERNESTO DA SILVA, 2010, p. 303

¹⁹² ERNESTO DA SILVA, 2010, p. 304

¹⁹³ HENDRICKS e HENDRICKS, 2017, p. 174

e Áquila e Apolo bem como entre Paulo e Tito.¹⁹⁴ Optou-se por aprofundar os três exemplos acima citados, por se compreender que sobre estes se encontram maiores detalhes que comprovam que de fato, a mentoria ali se fez presente.

3.1.1 *Elias e Eliseu*

“Partiu, pois, Elias dali, e achou a Eliseu, filho de Safate, que andava lavrando com doze juntas de bois adiante dele, e ele estava com a duodécima; e Elias passou por ele, e lançou a sua capa sobre ele. Então deixou ele os bois, e correu após Elias; e disse: Deixa-me beijar a meu pai e a minha mãe, e então te seguirei. E ele lhe disse: Vai, e volta; pois, que te fiz eu? Voltou, pois, de o seguir, e tomou a junta de bois, e os matou, e com os aparelhos dos bois cozeu as carnes, e as deu ao povo, e comeram; então se levantou e seguiu a Elias, e o servia” (1 Reis 19.19-21)

Elias corajosamente havia enfrentado os 400 profetas de Baal. Agiu com tamanha confiança que foi capaz de debochar de Baal, instigando seus profetas a falarem mais alto, a clamarem com mais intensidade, caso seu deus estivesse dormindo ou ocupado com suas necessidades fisiológicas.¹⁹⁵ Teve tanta confiança que Deus o atenderia que preparou o altar, colocando sobre ele o sacrifício e ainda despejou água sobre este, a ponto de encher a canaleta que havia cavado ao redor do altar.¹⁹⁶ Sua extrema confiança em Deus foi recompensada. No desfecho do relato vemos que “[...] então o fogo do Senhor caiu e queimou completamente o holocausto, a lenha, as pedras e o chão, e também secou totalmente a água na valeta”.¹⁹⁷

Contudo, depois dessa experiência extraordinária e sobrenatural, é possível que Elias tenha sido acometido de desconfiança. Nos versículos 42 a 44 do mesmo capítulo 18, vemos Elias no cume do monte Carmelo, ajoelhado com a cabeça entre os joelhos, aparentemente sem coragem de olhar para o céu para ver se Deus cumpriria sua promessa de enviar a chuva. Questiona-se se Elias permanece em oração sem olhar para o céu numa postura de confiança, ou o fato de manter a cabeça entre os joelhos já não seria um indício de medo de que Deus não cumpriria a sua promessa? É o servo de Elias (que não é nominado nesse relato) que, por sete vezes vai averiguar se já há sinal de chuva no horizonte.

¹⁹⁴ HENDRICKS e HENDRICKS, 2017, p. 174 e 175

¹⁹⁵ 1 Reis 18.27

¹⁹⁶ 1 Reis 18.31-35

¹⁹⁷ 1 Reis 18.38

O versículo 46 evidencia que Elias não possuía problemas físicos, uma vez que, tocado pela mão do Senhor, se lança numa corrida e é capaz de correr na frente dos cavalos da carruagem do rei Acabe. Contudo, ao ser ameaçado por Jezabel, Elias se rende ao medo,¹⁹⁸ e se dirige para o deserto, onde ora pedindo o fim da própria vida.¹⁹⁹ Porém, Deus ainda tinha propósitos para a sua vida. Por isso, ele alimentou Elias,²⁰⁰ conduziu-o numa jornada até Horebe, o monte de Deus²⁰¹ onde, envolto por uma brisa suave falou e tratou o profeta.²⁰²

Dentre a fala de Deus, está a lembrança de que Elias não estava sozinho como pensava,²⁰³ mas Deus havia conservado ainda outros 7.000 fiéis a ele em Israel.²⁰⁴ E, para motivá-lo, Deus o instrui a ungir, capacitar um sucessor.²⁰⁵

Elias foi e fez segundo as instruções do Senhor. Levantou-se e foi ao encontro de Eliseu, e jogou seu manto sobre ele.²⁰⁶ Eliseu, que depois de se despedir de seus pais, acompanhou Elias. Eliseu seguiu e serviu o profeta Elias,²⁰⁷ e se juntou à sua escola dos profetas.²⁰⁸ Pode-se concluir que Eliseu permaneceu por aproximadamente 10 anos a serviço de Elias.²⁰⁹

Conforme 1 Reis 19:21, Eliseu ‘servia’ Elias. Eliseu viajou como um servo. O que ele fazia para Elias? Ele cuidava das necessidades do profeta, quaisquer que fossem. Em 2 Reis 3:11 Eliseu é descrito como aquele que ‘deitava água sobre as mãos de Elias’ — uma tarefa de criado. Nesses dez anos, Eliseu recebeu treinamento profissional.²¹⁰

Após seu chamado, Eliseu só é nominado nas Escrituras no dia em que o profeta Elias é levado aos céus.²¹¹ No relato do capítulo 2 de 2 Reis, vemos que Eliseu permanece firme no propósito de estar presente no momento em que Elias,

¹⁹⁸ 1 Reis 19.3

¹⁹⁹ 1 Reis 19.4 e KURZAWA, Kitty. ELIAS – entendendo o suicídio a partir das Escrituras. In GRZYBOWSKI, Carlos “Catito” (Org). *Quando a Dor se Torna Insuportável: reflexões sobre por que as pessoas se suicidam*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 9 e 10

²⁰⁰ 1Reis 19.5-6

²⁰¹ 1 Reis 19.8

²⁰² 1 Reis 19.12-18

²⁰³ 1 Reis 19.10 e 14

²⁰⁴ 1 Reis 9.18

²⁰⁵ “Unja Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, para suceder a você como profeta”. 1 Reis 19.16

²⁰⁶ 1 Reis 19.19

²⁰⁷ 1 Reis 19.20

²⁰⁸ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Volume 6: dicionário – A-L*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 4216

²⁰⁹ ROPER, David. *Eliseu*. O homem de Deus para aqueles dias. Disponível em <http://docplayer.com.br/13772855-O-homem-de-deus-para-aqueles-dias.html>. Acesso em 09/06/2021. p. 3

²¹⁰ ROPER, David, p. 3

²¹¹ 2 Reis 2.1-22

seu mestre, seria levado aos céus. Por três vezes Elias pediu a Eliseu que o deixasse seguir só, porém, este insistentemente respondeu: “Juro pelo nome do Senhor e por tua vida que não te deixarei ir só”.²¹² Eliseu também pediu a Elias para ser o principal herdeiro de seu espírito profético.²¹³ Eliseu permaneceu ao lado de Elias, e, como desejava, presenciou a sua despedida.²¹⁴ E, após rasgar suas vestes, Eliseu se apropria do manto que Elias havia deixado cair.²¹⁵

Ao retornar para a escola dos profetas, semelhante como tinha feito Elias,²¹⁶ e usando o manto que fora dele, Eliseu abriu as águas do Rio Jordão.²¹⁷ Ao presenciarem tal cena, os outros discípulos do profeta (que frequentavam a escola do profeta Elias), prostraram-se com o rosto em terra e reconheceram que “O espírito profético do profeta Elias repousa sobre Eliseu”.²¹⁸ Como sucessor de Elias, Eliseu se torna o presidente da escola dos profetas.²¹⁹ E, como vemos no restante do livro de 2 Reis, Eliseu desenvolve um ministério tão profícuo quanto de seu antecessor Elias.

Eliseu fora formado acompanhando, servindo Elias. Ao longo de aproximadamente 10 anos de convivência foi preparado, forjado para exercer seu ministério. E, quando assumiu o papel de sucessor, o fez com maestria e grande responsabilidade:

Portanto, Eliseu foi um autêntico substituto de Elias, não representando qualquer declínio quanto ao poder espiritual, conforme, com tanta frequência, acontece quando um grande mestre é substituído por algum de seus discípulos, posto que, liderante. Eliseu é retratado como um profeta popular, a quem aldeões e reis, igualmente, apelavam, pedindo ajuda.²²⁰

3.1.2 Barnabé e Saulo/Paulo

“Quando chegou a Jerusalém, tentou reunir-se aos discípulos, mas todos estavam com medo dele, não acreditando que fosse realmente um discípulo. Então Barnabé o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara, e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus”. (Atos 9.26-27)

²¹² 2 Reis 2.4 e 6;

²¹³ 2 Reis 2.9

²¹⁴ 2 Reis 2.11-12

²¹⁵ 2 Reis 2.13

²¹⁶ 2 Reis 2.8

²¹⁷ 2 Reis 2.14

²¹⁸ 2 Reis 2.15

²¹⁹ CHAMPLIN, 2001, p. 4216

²²⁰ CHAMPLIN, 2001, p. 4216

Saulo, que antes do encontro com Jesus, no caminho para Damasco,²²¹ perseguia os seguidores (discípulos) de Jesus,²²² após aquele encontro tem a sua vida transformada e se torna também um proclamador do Evangelho.²²³ E, por consequência disso, passa também a sofrer perseguição.²²⁴

Em busca de refúgio, Saulo se dirige à Jerusalém e se junta ao grupo de discípulos que lá se encontravam.²²⁵ Porém, devido à vida anterior de Saulo (perseguidor de cristãos), os discípulos ficam com receio de recebê-lo. Então Barnabé, que tinha o apelido de “filho do encorajamento”,²²⁶ intervém e aposta na veracidade da transformação de vida experienciada por Saulo.²²⁷ Barnabé dá uma chance a Saulo, decide lhe dar crédito e assume a responsabilidade de acolhê-lo:

Barnabé revela mais uma vez seu belo caráter e torna-se uma bênção de valor incalculável para Saulo quando resolveu apresentá-lo aos apóstolos, e, interessando-se por ele, assumir, no meio da desconfiança geral, a responsabilidade decorrente da referida apresentação.²²⁸

Saulo permanece com os discípulos e, junto com eles proclama Jesus Cristo.²²⁹ Porém, devido a discussões que trava com helenistas, Saulo novamente sofre ameaças de morte e, a fim de protegê-lo, é levado para se refugiar em Tarso (sua cidade natal).²³⁰

Saulo, conhecendo as Escrituras de ‘capa a capa’, tendo uma mente rápida e uma língua afiada, não consegue ficar longe de um debate público; e a exposição pública, por sua vez, coloca-o em apuros, e apuros, poucos anos depois do apedrejamento de Estêvão, é algo que os cristãos desejam evitar a todo custo. Assim os discípulos escoltam Paulo para o mar em Cesareia e o colocam em um barco de volta para casa, para o sul da Turquia.²³¹

Saulo permanece anônimo em Tarso até reaparecer em Atos 11.25. Russel Champlin afirma que Saulo pode ter permanecido cerca de 14 anos em Tarso,²³² até

²²¹ Atos 9.3

²²² Atos 9.1-2

²²³ Atos 9.20

²²⁴ Atos 9.23-24

²²⁵ Atos 9.26

²²⁶ WRIGHT, Nicholas Thomas. *Paulo: uma biografia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 105

²²⁷ Atos 9.27-28

²²⁸ NEVES, Mario. *Atos dos Apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1971. p. 135

²²⁹ Atos 9.28

²³⁰ Atos 9.30

²³¹ WRIGHT, 2018, p. 86

²³² CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Volume 3: Atos, Romanos*. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 239

que Barnabé o chame para ser seu auxiliar na igreja de Antioquia.²³³ Em Tarso, junto à sua família, é provável que Saulo tenha aprendido o ofício de construtor de tendas,²³⁴ bem como tenha se aprofundado na reflexão bíblica.²³⁵ E, após esse tempo em Tarso, Saulo parece estar pronto para acompanhar Barnabé e ao longo de um ano²³⁶ tem o privilégio de servir à igreja de Antioquia ao lado de seu mentor, que, conforme Atos 11.24 era “[...] um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé”.

Ao tomar essa atitude de chamar Saulo, Barnabé “[...] dá-nos um belo exemplo sobre o dever de associar-nos, no trabalho do Evangelho, a companheiros que suplementem nossas qualidades e habilitações”.²³⁷

Barnabé busca Saulo para lhe auxiliar. Ao mesmo tempo em que reconhece as habilidades de Saulo e se dá conta de que poderia se beneficiar delas, dá a oportunidade a Saulo de também aperfeiçoar seus dons e aptidões. Tal exemplo explicita que é necessário se aperceber de eventuais lacunas ou necessidades inerentes ao ser, a fim de procurar e se juntar a pessoas capazes de supri-las e preenchê-las:

Querer centralizar em si o trabalho, é um grande perigo. O obreiro que o fizer acabará reconhecendo que sozinho não poderá realizar tudo como pensava e, além disso, achar-se-á esgotado prematuramente. São dois prejuízos: sofre ele e sofre a Causa.²³⁸

Após um ano à frente da igreja de Antioquia, Barnabé e Saulo são enviados por aquela igreja para levar ofertas para a igreja de Jerusalém²³⁹ e são destacados para a Primeira Viagem Missionária.²⁴⁰ E é nessa primeira viagem, na cidade de Chipre, no confronto com o mágico Elimas que Saulo começa a se salientar:

²³³ Antioquia era a capital da nova província da Síria e tinha uma população de cerca de 250 mil pessoas (estava entre as quatro cidades mais importantes do Oriente). A cidade era um caldeirão clássico de misturas, com representação de todo tipo de grupo social e cultural. A igreja de Antioquia foi formada pelos cristãos judaicos helenísticos que tinham sido forçados a deixar Jerusalém na ocasião da morte de Estêvão. Em Antioquia o Evangelho foi anunciado também aos não judeus e a igreja cresceu rapidamente, e, foi lá que os seguidores de Jesus, foram pela primeira vez, chamados de cristãos (gente de Cristo). WRIGHT, 2018, p. 109 e MARSHALL, Howard I. *Atos. Introdução e comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1982. p. 190.

²³⁴ WRIGHT, 2018, p. 87

²³⁵ WRIGHT, 2018, p. 88

²³⁶ Atos 11.26

²³⁷ NEVES, 1971, p. 161

²³⁸ NEVES, 1971, p. 162

²³⁹ Atos 11.29 e 30

²⁴⁰ Atos 13

Até esse ponto, Saulo tem sido, ao que tudo indica, o parceiro júnior, o aprendiz de Barnabé, mas agora ele toma a iniciativa, cheio, ao que tudo indica, de um novo tipo de energia (o tipo de ímpeto que ele e outros dentre os primeiros cristãos atribuíam ao Espírito Santo). [...] O apóstolo emerge não apenas como um novo porta-voz, mas com um novo nome. Lucas muda o foco com a mesma facilidade: 'Saulo, cujo nome também é Paulo'. Daí por diante é assim que ele será conhecido e, tanto em Atos quanto nas cartas, é assim que irá referir-se a si mesmo.²⁴¹

Ao que tudo indica, a parceria de Barnabé e Paulo toma outro rumo a partir deste ponto. Até Paulo confrontar Elimas, como bem destaca N. T. Whright, Barnabé atua como mentor de Paulo. Porém, a partir deste ponto, Barnabé e Paulo passam a atuar como parceiros ministeriais. “No caso de Paulo, Barnabé inicialmente serviu como seu mentor, embora posteriormente eles pareçam ter tido mais uma relação de colegas mentores, no mesmo nível”.²⁴²

Mais adiante, já como parceiros ministeriais, Paulo e Barnabé, na primeira viagem missionária passam por diversas cidades (Antioquia, Porto de Selêucida, Ilha de Chipre, Salamina, Pafos, Panfília, Perge, Pisídia, Licaônia, Listra, Derbe)²⁴³ anunciando o Evangelho de Jesus Cristo. Várias igrejas são fundadas e novas lideranças vão surgindo em cada uma dessas novas comunidades: “Em cada igreja, os apóstolos escolhiam presbíteros. Eles oravam, jejuavam e entregavam os presbíteros à proteção do Senhor, em quem estes haviam crido”.²⁴⁴ Paulo e Barnabé atuavam em conjunto como mentores dessas lideranças que emergiam nas comunidades por onde passavam.

Para a primeira viagem missionária, Barnabé e Paulo levaram consigo João Marcos (autor do Evangelho de Marcos e sobrinho de Barnabé)²⁴⁵ para lhes auxiliar. Porém, ainda no começo da viagem, João Marcos desiste de acompanhá-los e retorna para Jerusalém.²⁴⁶ Tal incidente acaba gerando a separação de Barnabé e Paulo enquanto se preparavam para a segunda viagem missionária.

²⁴¹ WRIGHT, 2018, p.137 e 138

²⁴² SMITHER, 2012, p. 26

²⁴³ NEVES, 1971, p. 181

²⁴⁴ Atos 14.23

²⁴⁵ N. T. Whright afirma que João Marcos seria sobrinho de Barnabé, enquanto que Russel Champlin diz que João Marcos seria primo de Barnabé. WRIGHT, 2018, p. 196 e CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Volume 5 P – R. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 123

²⁴⁶ Atos 13.13

Antes de partirem para a segunda viagem missionária, Barnabé diz a Paulo que queria levar João Marcos com eles.²⁴⁷ Barnabé estava disposto a dar uma segunda chance ao jovem aprendiz. No entanto, uma forte discussão acontece entre Barnabé e Paulo, e Barnabé segue com João Marcos para Chipre,²⁴⁸ enquanto que Paulo segue com Silas para a região da Cilícia.²⁴⁹

Galátas 2.13 relata uma desavença entre Paulo e Pedro a respeito da circuncisão de não judeus. Porém, ao relatar o acontecido, Paulo cita Barnabé: “Os demais judeus também se uniram a ele nessa hipocrisia, de modo que *até Barnabé se deixou levar*”²⁵⁰ (grifo meu). De acordo com o relato de Gálatas 2, Barnabé e outros, seguindo o exemplo de Pedro, sentavam à mesa e se relacionavam com os não judeus até que alguns homens enviados por Tiago chegaram à Antioquia. Com medo do que esses mensageiros enviados por Tiago pensariam sobre eles, Pedro e Barnabé mudaram de atitude com relação aos não circuncidados, o que levou Paulo a repreendê-los.

Há dor nessa frase, como no caso de alguém que tenta andar e está com o pé fraturado. *Até mesmo Barnabé!* Barnabé passara com ele pelas alegrias e tribulações da missão na Galácia, e ambos haviam compartilhado tudo: orado, trabalhado, celebrado e sofrido lado a lado. Eles próprios haviam acolhido à família muitos não judeus. E agora isso. O que havia acontecido, afinal?²⁵¹

No entanto, Paulo repreende pessoalmente. Não fala pelas costas, não se entrega a fofocas.²⁵² Porém, a desavença que acontece entre Paulo e Barnabé a respeito de João Marcos assume grandes proporções, ao ponto que “[...] Barnabé e Marcos não vão apenas para Chipre, mas para fora da narrativa de Atos”.²⁵³

Barnabé e Paulo acabam se separando devido a divergências de pensamento. Ao que tudo indica, eles jamais trabalharam juntos novamente.²⁵⁴ Porém, não podemos deixar de considerar a importância dessa caminhada conjunta para a vida de ambos, bem como para a vida de muitas outras pessoas que foram

²⁴⁷ Atos 15.37

²⁴⁸ Atos 15.39

²⁴⁹ Atos 15.40 e 41

²⁵⁰ Gálatas 2.13

²⁵¹ WRIGHT, 2018, p.169

²⁵² *BÍBLIA de estudo conselheira*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1862

²⁵³ WRIGHT, 2018, p. 197

²⁵⁴ WRIGHT, 2018, p. 197

influenciadas pelo testemunho e comprometimento de ambos com a causa do Evangelho.

3.1.3 Paulo e Timóteo

Após a discórdia e separação de Paulo e Barnabé, Paulo segue com Silas para sua segunda viagem missionária.²⁵⁵ Chegando em Listra, Paulo encontra Timóteo²⁵⁶ (filho de cristã judia e de pai grego).²⁵⁷ Como todas as pessoas de Listra e Icônio tinham Timóteo em alta conta (“todos falavam bem de Timóteo”),²⁵⁸ Paulo decide levá-lo consigo (como seu aprendiz):

Nesse tempo, Paulo tinha cerca de 40 anos (presumindo-se que tenha nascido por volta de 10 a.C.) e Timóteo, provavelmente um adolescente ou iniciando sua fase adulta, parece ter sido como um filho que Paulo nunca teve. Certamente uma ligação de entendimento e confiança mútua se desenvolveu entre ambos, do tipo que raramente ocorre entre as pessoas.²⁵⁹

O que chama a atenção, no entanto, é que após a desavença entre Paulo, Pedro, Barnabé e outros relatada em Gálatas 2 a respeito da circuncisão, Paulo assume outra postura com Timóteo: ele decide circuncidá-lo:²⁶⁰

[...] o apóstolo quer levar Timóteo consigo para a próxima fase do seu trabalho, e isso implicará, vez após vez, o envolvimento com a sinagoga. Parece improvável que oficiais da sinagoga chegassem ao extremo de conferir a circuncisão de recém-chegados, mas Paulo deseja acalmar qualquer um que porventura duvidasse, assegurando tal pessoa de que todos os membros do seu grupo são oficialmente judeus.²⁶¹

Timóteo então segue como aprendiz do apóstolo Paulo. Porém, pouco depois, devido à perseguição dos tessalônicos a Paulo,²⁶² este é levado pelos cristãos de Beréia para se refugiar em Atenas.²⁶³ Por um tempo, Paulo recomenda que Timóteo permaneça com Silas em Beréia²⁶⁴ para acompanhar aqueles cristãos

²⁵⁵ Atos 15.40

²⁵⁶ No grego, *Thimótheos*, “honrado por Deus”. CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Volume 6 S – Z. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 435

²⁵⁷ Atos 16.1

²⁵⁸ Atos 16.2

²⁵⁹ WRIGHT, 2018, p. 199

²⁶⁰ Atos 16.3

²⁶¹ WRIGHT, 2018, p. 200

²⁶² Atos 17.5-9

²⁶³ Atos 17.14

²⁶⁴ Atos 17.15

que foram reconhecidos como cristãos da Palavra (conferiam as Escrituras para ver se a mensagem de Paulo era condizente com elas).²⁶⁵

Timóteo segue acompanhando o apóstolo Paulo em suas viagens, e com o passar do tempo, vai ganhando a confiança do apóstolo que passa a lhe conferir maiores responsabilidades:

Esteve presente na pregação de Paulo, em Corinto (2 Co 1.19), e no ministério de Paulo em Éfeso. De lá, em companhia de Erasto, foi enviado para uma missão importante na Macedônia e, em seguida, deveria ir a Corinto (1 Co 4.17). Acompanhou Paulo na viagem para Jerusalém como a coleta (At 20.4s) e também há indicações (1 Tm 1.3) de que tenha sido deixado em Éfeso para tratar dos falsos mestres e supervisionar o culto público.²⁶⁶

Timóteo ganha total confiança do apóstolo Paulo e se torna de grande importância para ele.²⁶⁷ Em diversas ocasiões, Timóteo chega a ser enviado como representante do apóstolo Paulo.²⁶⁸ “Nenhum outro líder cristão, dentre os companheiros do apóstolo Paulo, foi tão recomendado por ele como Timóteo, especialmente em face da sua lealdade [...]”,²⁶⁹ até o ponto em que recebe a incumbência de pastorear a igreja de Éfeso.²⁷⁰

A vocação de Timóteo é lapidada nesse período em que acompanha o apóstolo Paulo. Na prática, e por meio da observação, recebe o privilégio de ser formado para se tornar também um líder de comunidades. Pode-se perceber um crescente na relação de mentoria entre Paulo e Timóteo. Pouco a pouco, o apóstolo Paulo vai confiando a Timóteo maiores responsabilidades, até o ponto em que percebe que seu mentorado está pronto para assumir a tarefa de liderar.

Timóteo também foi citado como "coautor" de algumas epístolas de Paulo. Seu nome foi mencionado no início da Segunda Carta aos Coríntios, assim como também na Carta aos Filipenses, e aos Colossenses, nos (sic) duas Cartas aos Tessalonicenses e, inclusive, na Carta a Filemon. Todos estes dados não deixam dúvidas de que Timóteo era um amigo íntimo de Paulo. Mostra também que esta sólida amizade foi conquistada aos poucos e por meio de muitas demonstrações de confiança e fidelidade mútuas.²⁷¹

²⁶⁵ “Os bereanos eram mais nobres do que os tessalonicenses, pois receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo”. (Atos 17.11)

²⁶⁶ BUHR, 2017, p. 133

²⁶⁷ BUHR, 2017, p. 134

²⁶⁸ CHAMPLIN, 2008, p. 436

²⁶⁹ CHAMPLIN, 2008, p. 436

²⁷⁰ 1 Timóteo 1.3 e SMITHER, 2012, p. 32

²⁷¹ BUHR, 2017, p. 134

Mesmo após ser designado pastor da igreja de Éfeso, Timóteo continua sendo acompanhado pelo apóstolo Paulo, que passa a lhe mentorar por meio de cartas. Paulo inclusive dedica a Timóteo o seu último escrito – a carta de 2 Timóteo,²⁷² na qual mais uma vez, fica explícito o afeto filial que existia entre os dois: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus, a Timóteo, **meu amado filho**: Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor”²⁷³ (grifo meu).

3.2 Aspectos importantes para o exercício da mentoria no ministério eclesiástico

Após discorrer sobre esses três exemplos, onde se percebe que a mentoria se fez presente na Bíblia, se fará um levantamento de algumas características importantes da prática da mentoria dentro do ministério eclesiástico.

3.2.1. A mentoria pressupõe uma caminhada conjunta no discipulado cristão

Como já se afirmou anteriormente, a pessoa que exerce o ato de mentorar só pode dividir daquilo que possui. É imprescindível à pessoa que se dispõe à tarefa de cuidar de outra por meio da mentoria no ambiente eclesiástico ter uma caminhada de discipulado cristão.

Percebeu-se que tanto Elias, como Barnabé e Paulo já eram anteriormente reconhecidos como líderes (profeta e discípulos de Cristo), e continuaram sua caminhada de fé quando se dispuseram a mentorear:

Essa atitude e esse modo de viver qualificavam o mentor para ser imitado por seus discípulos. A constante postura de aprendizagem do mentor demonstrava autenticidade e humildade para os seus discípulos, tornando o seu mentoreado mais atraente e mais eficaz.²⁷⁴

Como já mencionei anteriormente, sou acompanhada por mentores desde 2016, quando procurei minha mentora²⁷⁵ perguntando se estaria disposta a me

²⁷² CHAMPLIN, 2008, p. 436

²⁷³ 2 Timóteo 1.1-2

²⁷⁴ SMITHER, 2012, p. 26

²⁷⁵ Roseli M. Kühnrich de Oliveira, psicóloga clínica, com Especialização em Terapia Familiar e Mestre em Teologia. Ex-professora da Universidade Mackenzie, SP, é docente convidada na Pós Graduação da Escola Superior de Teologia, EST (S. Leopoldo) FLT (S. Bento Sul) e FTSA (Londrina) e FATEV, Curitiba. Docente também no Seminário Teológico Batista do RS (STBR), Seminário Teológico Batista Independente, STBI de Esteio, RS e Chapecó, SC entre outros [...]

acompanhar. Senti-me motivada a dar esse passo, pois naquela ocasião estava participando de aulas ministradas por ela e já tinha assistido à uma de suas palestras. Fui cativada pela partilha a respeito de sua caminhada cristã, bem como pela autoridade com que falava das Escrituras. Mais tarde, comecei a ser mentorada também pelo P. Casso Vieira,²⁷⁶ também professor no curso de Espiritualidade Cristã, que me chamou para fazer parte de seu grupo de acompanhamento a pastores do SARA.²⁷⁷ O testemunho da vivência de fé e o encantamento que Casso demonstra quando fala a respeito de Cristo e da Escritura motivaram-me a prontamente aceitar o convite para me juntar ao grupo de mentoria.

Percebo em meus mentores um profundo comprometimento com Cristo e Sua Palavra, bem como o reconhecimento do bom trabalho desenvolvido por eles nas comunidades de fé em que estão inseridos. Cativa-me o brilho nos olhos quando os vejo falar de Cristo. A vivência deles com Jesus me motiva a buscar o mesmo em minha vida e em minha prática ministerial.

Sabe-se que a fé não pode ser medida, mas o comprometimento com Cristo e Sua Palavra podem ser observados na vida da pessoa que se dispõe a mentorar. Acredita-se que somente pessoas comprometidas com Cristo e a Escritura podem desempenhar satisfatoriamente a mentoria espiritual.

Por este motivo, a meditação diária não é um luxo para o líder, mas a condição para que ele cumpra bem a sua tarefa. O líder deve estar consigo mesmo e suas ações devem partir do seu centro interior. Somente Ihe será de fato possível estabelecer uma relação com pessoas e com as coisas quando, antes de mais nada, houver estabelecido a relação consigo mesmo, com aquilo que acontece em seu interior. E a relação consigo mesmo, com a própria alma, é ao mesmo tempo a relação com Deus. [...] Aquele que presta atenção em sua própria alma também pode dar asas às almas de seus colaboradores.²⁷⁸

3.2.2 Necessidade de vínculo afetivo – admiração

Nos exemplos de mentoria anteriormente citados, percebemos que Eliseu, Saulo e Timóteo prontamente se dispuseram ao processo de mentoria. Todos os

Idealizadora do Projeto Cuidando de Quem Cuida e do Retiro Espiritual de Silêncio Renovatium. Casada com Felipe, mãe de Thiago e Thais, mora em Porto Alegre/RS. Disponível em <https://www.roselikhnrich.com.br/>. Acesso em 24/08/2021.

²⁷⁶ Pastor sênior da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Campinas, SP. (<https://www.facebook.com/primeiraIPIcampinas/>) Acesso em 17/09/2021.

²⁷⁷ “O SARA é uma instituição interdenominacional que equipa e cuida de líderes, servindo de apoio, refrigerio e amizade na jornada ministerial”. <http://www.sara.org.br/> Acesso em 13/08/2021.

²⁷⁸ GRÜN, 2013. p. 56

três caminharam por certo tempo com seus mentores. Compreende-se que tal caminhada só pôde acontecer devido à existência de um vínculo afetivo – ou quem sabe, a existência de reconhecimento dos mentorados a respeito da capacidade e histórico de vida de seus mentores.

A mentoria não será efetiva se entre as pessoas que se dispõem a essa caminhada não existir vínculo afetivo e/ou admiração por parte de quem busca a mentoria:

Só nós humanos podemos sentar-nos à mesa com o amigo frustrado, colocar-lhe a mão no ombro, tomar com ele um copo de cerveja e trazer-lhe consolação e esperança. **Construímos o mundo a partir de laços afetivos.** Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a elas. **Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros.** A categoria do cuidado recolhe todo esse modo de ser. Mostra como funcionamos enquanto seres humanos.²⁷⁹ (grifo meu)

Compreende-se que cursos de treinamento para mentores poderão não ter muito valor, se a vida de quem se dispõe a mentorar não for naturalmente atrativa e esta pessoa não for capaz de criar vínculos. A mentoria é uma habilidade adquirida naturalmente pelas pessoas que desempenham bem seus papéis, que amam o que fazem, são diligentes em sua caminhada no discipulado cristão e naturalmente demonstram interesse pelas pessoas ao seu redor: “Não se medem esforços para atender as solicitações de um líder de quem se gosta. Aquele que é temido é abandonado à própria sorte”.²⁸⁰ Muito mais do que mera nomeação institucional, é a capacidade de inspirar que autoriza e legitima uma mentora ou um mentor.

Pessoas mentoras são formadas ao longo dos anos, por meio das vivências e experiências pessoais, que as levam ao processo de maturidade. “Em outras palavras, o mentor precisa ter história e tempo de vida”.²⁸¹ Contudo, infelizmente, vemos adultos insistindo em permanecer na juventude, e por consequência, os jovens têm adiado a sua transição, optando por se manterem na adolescência por mais tempo.²⁸²

Vivemos, porém, em um tempo em que os mentores são raros e nem sempre são conquistados pelos jovens. Na verdade, aqueles que poderiam

²⁷⁹ BOFF, 2012, p. 114

²⁸⁰ GRÜN, 2013, p. 102

²⁸¹ OLIVEIRA, 2015, p. 119

²⁸² OLIVEIRA, 2015, p. 54

ser mentores estão muito ocupados competindo com os próprios jovens por um lugar no mercado.²⁸³

Compreende-se assim que encontrar pessoas mentoras que cativem e inspirem, é um enorme privilégio – não é fácil encontrá-las! E uma vez que se tenha a dádiva de tê-las descoberto, a meta da vida das pessoas mentoradas deveria ser a de igualmente se tornarem referencial para outras pessoas.

Importante afirmar que o vínculo afetivo precisa ser recíproco e verdadeiro para que o processo de mentoria tenha maior chance de sucesso. Compreende-se, contudo, que, quando pessoas imaturas se dispõem a mentorar, essa admiração por parte dos mentorados pode levar ao orgulho ou à vaidade da pessoa que exerce a mentoria. Porém, sugere-se que tal disfunção é consequência da imaturidade do mentor, não um desvio ou dificuldade inerente ao processo de mentoria.

2.2.3. Pessoas mentoras também precisam ser mentoradas

Com exceção de Elias,²⁸⁴ podemos afirmar que Barnabé e Paulo, antes de se tornarem mentores, passaram pelo processo da mentoria.

Como já mencionamos, Paulo foi mentoreado por Barnabé, que por sua vez, muito provavelmente, fazia parte dos 72 discípulos²⁸⁵ enviados por Jesus, de dois a dois, no primeiro empreendimento missionário solo dos discípulos.²⁸⁶

Outro fator que chamou minha atenção na vida dos meus mentores é o fato de ambos serem mentoreados há vários anos por uma pessoa mais experiente que eles. Por diversas vezes, ouvi meus mentores falando sobre a importância de também serem acompanhados, terem alguém que partilhe vida com eles. Fica visível que o fato de serem acompanhados permite-lhes sabedoria na arte de acompanhar pessoas.

Como afirma Edward Smither: “Nada é mais atraente ou inspirador para um aluno ou discípulo do que ver seu mestre aprendendo continuamente”.²⁸⁷

²⁸³ OLIVEIRA, 2015, p. 56

²⁸⁴ “À semelhança de Melquisedeque (Gênesis 14.18 e Hebreus 7.3), Elias aparece no texto bíblico sem qualquer menção a pai, mãe ou árvore genealógica [...]”. CHAMPLIN, 2001, p. 4209

²⁸⁵ CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Volume 1 A – C. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 445

²⁸⁶ Lucas 10.1

²⁸⁷ SMITHER, 2012, p. 312

3.2.4 A mentoria propicia a formação de novas lideranças – o segredo da sucessão

Elias formou o profeta Eliseu, Barnabé ajudou na formação do apóstolo Paulo e Paulo formou o pastor Timóteo.

Infelizmente muitos empreendimentos, comunidades eclesiais, empresas e outras instituições acabam perecendo pela ausência de sucessores de lideranças empreendedoras. Muitas dessas lideranças, ao longo da vida, tendem a centrar o conhecimento em si mesmas. Porém, quando estas lideranças faltam, há sempre o risco de toda a instituição ruir. Por isso, entende-se que a mentoria pode favorecer a continuidade de empreendimentos bem-sucedidos.

Compreende-se que a mentoria possui o propósito de formar lideranças, criar sucessores. Sidnei Oliveira afirma a respeito do meio corporativo que “[...] a formação de sucessores é uma das mais fundamentais missões da liderança”.²⁸⁸

Assim sendo, destaca-se que a prática da mentoria no meio eclesial, tende a ser de vital importância para que ministros e ministras eclesiais exerçam seus ministérios com maior empenho, adesão e, por que não dizer, paixão. Sem falar que ela pode se tornar indispensável na formação de sucessores frente a empreendimentos mais específicos.

Outro aspecto que a mentoria pode favorecer é a vivência da espiritualidade cristã no exercício do ministério eclesial, aspecto sobre o qual se irá discorrer nos próximos tópicos.

3.3 Ministério, mentoria e espiritualidade cristã

“A procura por Deus é ao mesmo tempo a procura por uma vida maior. Deus é a vida por excelência. Onde quer que a vida floresça, Deus também estará lá. [...] E o Espírito Santo é o doador da vida, o espírito criativo, que cria o novo em nós, que nos põe em movimento, que nos inspira e nos dá asas. Por este motivo, a liderança como tarefa espiritual é afinal a capacidade de se deixar inspirar pelo Espírito Santo e chegar de forma criativa à solução dos problemas. E liderança significa despertar nas pessoas a vida que lhes foi dada por Deus, levar à revelação das possibilidades e capacidades que receberam de Deus. Aquele que lidera desta maneira serve verdadeiramente às pessoas”.²⁸⁹

²⁸⁸ OLIVEIRA, 2015, p. 112

²⁸⁹ GRÜN, 2013, p. 154

Como se pôde ver até aqui, a mentoria pode ser uma forte aliada na formação e no acompanhamento de lideranças eclesiais. Compreende-se também que se dispor ao processo de mentoria pode favorecer e permitir que líderes eclesiais se mantenham como discípulos de Cristo enquanto exercem sua função como ministras e ministros eclesiais.

Infelizmente constata-se que ministras e ministros, apesar de estarem em função de liderança em comunidades cristãs, podem ser pessoas que não oram e não mantêm regularidade em sua vida devocional.

Ministras e ministros podem fazer retiros sob a temática da oração, sem contudo, tirarem um tempo para orar. Podem falar e ministrar pregações sobre a importância da leitura devocional da Escritura, sendo que há muito se perderam no ativismo e deixaram essa prática vital e indispensável de lado.

Trago estas considerações, pois como ministra eclesial já passei por situações assim. Já mencionei anteriormente o quão facilmente sou capaz de me perder, me dispersar do foco principal do discipulado que é a vivência com Cristo. E, como também já mencionei anteriormente, a prática da mentoria me ajuda a permanecer e a sempre voltar para Cristo e Sua Palavra.

Compreende-se que, a vivência de uma espiritualidade cristã pode ser o maior ganho de um processo de mentoria bem desenvolvido. E, por consequência, podem aflorar ministérios profícuos e férteis.

A princípio se fará uma definição do que se quer dizer com espiritualidade cristã, para verificar a relação entre esta e a prática da mentoria no ministério eclesial.

3.3.1 Espiritualidade cristã – uma definição

O termo espiritualidade, assim como o termo mentoria, não aparece nas Escrituras Sagradas. É um termo oriundo da Igreja Católica Romana, e, no princípio estava ligado à vida nos mosteiros e servia para caracterizar a condição dos clérigos:

[...] a espiritualidade era tudo, menos uma realidade da qual o povo podia participar com os mesmos direitos. Pelo contrário, ela era símbolo de uma minoria que se distanciava da grande massa, seja através de seu status

consagrado e seu caráter espiritual indelével, seja através de um grau superior de perfeição cristã que o povo aprendera a respeitar, seja através desses dois elementos conjugados.²⁹⁰

Luiz Felipe Pondé, em sua obra *Espiritualidade Para Corajosos* afirma que “Espiritualidade é um termo polissêmico”,²⁹¹ que carrega em si muitos significados. Esse autor afirma que o conceito de espiritualidade nasce no âmbito do catolicismo francês do século XVII, sob o termo “ciência dos santos”.²⁹²

Contudo, é apenas em 1960 que o termo passa a ser utilizado para caracterizar a “piedade dos leigos”,²⁹³ e é a partir do Concílio Vaticano II, que acontece entre os anos de 1962 a 1965, que o termo é oficialmente elaborado pela Igreja Católica Romana, caracterizando também a vida de fé dos leigos.²⁹⁴ Com relação à América Latina, é o Concílio de Medellín, realizado em 1968 que elabora e aproxima o termo da nossa realidade brasileira.²⁹⁵

Espiritualidade não é um termo recente, porém verifica-se que atualmente é largamente utilizado não só no âmbito das comunidades cristãs. Muito tem se escrito a respeito da espiritualidade e da importância da mesma em diferentes setores da sociedade. Fala-se de espiritualidade nas organizações (referindo-se ao meio empresarial), nos negócios, de sua importância para a recuperação de doenças... Percebe-se que o termo é amplamente utilizado, porém, em cada uso se tem um diferente pressuposto.

Por isso, na presente pesquisa, entende-se espiritualidade, no sentido de “intimidade com Deus”,²⁹⁶ que, conforme Martin Buber, é uma pessoa:

[...] aquele que entra numa relação imediata conosco homens, através dos atos criadores, reveladores, e libertadores possibilitando-nos, com isso, a entrar em uma relação imediata com Ele. Este fundamento e este sentido de nossa existência constituem, a cada vez, uma mutualidade que só pode existir entre pessoas. Embora o conceito de personalidade seja, sem dúvida, incapaz de definir a essência de Deus, é possível e necessário, no entanto, dizer que ele é *também* uma Pessoa. (grifo do autor).²⁹⁷

²⁹⁰ BRANDT, Hermann. *Espiritualidade*. Motivações e critérios. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1978. p. 15

²⁹¹ PONDÉ, Luiz Felipe. *Espiritualidade para Corajosos: a busca de sentido no mundo de hoje*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. p. 17

²⁹² PONDÉ, 2018, p. 19

²⁹³ BRANDT, 1978, p. 16

²⁹⁴ BRANDT, 1978, p. 18

²⁹⁵ BRANDT, 1978, p. 22

²⁹⁶ PONDÉ, 2018, p. 46

²⁹⁷ BUBER, 1979. p. 154

Têm-se, contudo, consciência da dificuldade de se definir com precisão o termo espiritualidade. Como bem expressa André Droogers, “Definir espiritualidade parece uma loteria sem bilhetes em branco. [...] Definir espiritualidade é como comer sopa com um garfo: a gente nunca termina e fica o tempo todo com fome”.²⁹⁸ Porém, Espiritualidade, na presente pesquisa, se refere a um relacionamento próximo e íntimo com Deus, mediado pelo Espírito Santo, pois, como afirma Martim Lutero: “Ninguém é capaz de entender corretamente a Deus ou a Palavra de Deus se não for com a ajuda do Espírito Santo”.²⁹⁹ E, também como afirma Bonhoeffer: “O fundamento de toda realidade pneumática é a Palavra de Deus clara e revelada em Jesus Cristo”.³⁰⁰

Optou-se, no entanto, na presente pesquisa, por atrelar o adjetivo “cristã” ao termo espiritualidade, pois como já foi explicitado anteriormente e fica evidente na obra de Pondé, pode-se falar de várias espiritualidades, como espiritualidade da natureza,³⁰¹ espiritualidade do deserto,³⁰² espiritualidade da eleição de Israel,³⁰³ espiritualidade cristã gnóstica,³⁰⁴ espiritualidade trágica.³⁰⁵ Ainda como Allister McGrath afirma, também podem ser admitidas a espiritualidade católica, ortodoxa, luterana, evangélica ou carismática. Esse autor, afirma, no entanto, a respeito das definições que aborda, que “Todas elas são variações de espiritualidade cristã, cujas diferenças refletem parcialmente os tipos de cristianismo em questão”.³⁰⁶

McGrath, referindo-se à espiritualidade cristã, afirma que “[...] a espiritualidade significa viver o encontro com Jesus Cristo”.³⁰⁷ E, numa definição mais elaborada a respeito declara que “Espiritualidade cristã refere-se à busca por uma experiência cristã autêntica e satisfatória, envolvendo a união das ideias fundamentais do cristianismo com toda a experiência de vida baseada em e dentro do âmbito da fé cristã”.³⁰⁸

²⁹⁸ DROOGERS, André. Espiritualidade: O problema da definição. In BOBSIN, Oneide e SALDANHA, Marcelo Ramos (orgs). *Ciências da Religião – Uma hóspede impertinente*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020. p. 42

²⁹⁹ LUTERO, Martin. *O Louvor de Maria*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999. p. 12

³⁰⁰ BONHOEFFER, 1997, p. 20

³⁰¹ PONDÉ, 2018, p. 59

³⁰² PONDÉ, 2018, p. 65

³⁰³ PONDÉ, 2018, p. 69

³⁰⁴ PONDÉ, 2018, p. 75

³⁰⁵ PONDÉ, 2018, p. 81

³⁰⁶ MCGRATH, Allister. *Uma Introdução à Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2008. p. 38

³⁰⁷ MCGRATH, 2008, p. 21

³⁰⁸ MCGRATH, 2008, p. 20

Assim sendo, compreende-se que a vivência de uma espiritualidade cristã significa um relacionamento próximo e consciente da pessoa com Cristo (o Verbo revelado de Deus).³⁰⁹ E, muito mais do que um termo a ser definido, ou dissecado, compreende-se espiritualidade como um “um lugar para se perder”.³¹⁰ Elaborando essa citação, Pondé afirma que “este lugar é Deus e o que se perde Nele somos nós, e com essa perda encontramos a liberdade”.³¹¹

Como a presente pesquisa propõe-se a abordar a importância da mentoria no exercício do ministério eclesial (que é exercido dentro e a partir do discipulado), não há nada que combine mais com essa premissa do que a opção pela “espiritualidade cristã” (desenvolvimento da amizade com Jesus).

3.3.2 *Mentoria e a vivência da espiritualidade cristã*

Como já mencionei anteriormente a experiência da mentoria tem me desafiado a desenvolver este relacionamento com Cristo. Muito facilmente me perco no ativismo do ministério e quando me dou conta, já se passaram alguns dias sem que eu tenha conseguido tirar um tempo mais significativo para a minha devoção pessoal. E os encontros de mentoria – tanto as conversas pessoais como os encontros em grupo, despertam novamente em mim a necessidade de manter em dia esse aspecto que considero central para o exercício saudável do ministério eclesial – a vivência da espiritualidade no discipulado cristão.

Outro aspecto que marcou fortemente a minha vivência da espiritualidade, foi quando, numa conversa, justamente sobre a periodicidade dos meus momentos devocionais (na época eu tinha meus dois filhos pequenos, trabalhava fora e me sentia culpada por não conseguir todos os dias tirar um tempo significativo para a minha devoção pessoal). Significativo foi ouvir da minha mentora que minha motivação para os momentos devocionais não deveria ser a culpa, mas a saudade – tanto minha do Senhor, como a dele de mim. Tal conversa foi capaz de ressignificar meus momentos devocionais, que a partir de então se tornaram mais leves e prazerosos.

³⁰⁹ “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade”. João 1.14

³¹⁰ CERTEAU, Michel de. APUD PONDÉ, 2018, p. 101

³¹¹ PONDÉ, 2018, p. 101

Compreende-se assim que uma relação de mentoria pode propiciar e incentivar a vivência da espiritualidade cristã. Roseli M. K. de Oliveira, na obra já anteriormente citada *Cuidando de Quem Cuida*, afirma que “[...] na pessoa do mentor ou diretor espiritual e na devoção pessoal busca-se um resgate de uma relação de transparência, pessoal e interpessoal, que conduz ao diálogo consigo mesmo, com o outro e com Deus”.³¹² Contudo, tal objetivo de conduzir ao diálogo com Deus poderá ser alcançado somente se também a pessoa que exerce a mentoria tiver também essa vivência da espiritualidade cristã como prioridade em sua vida. Pois, como afirma Dietrich Bonhoeffer, também na obra já anteriormente citada *Vida em Comunhão*: “Comunhão cristã é comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo [...] Pertencemos uns aos outros tão-somente por meio de e em Jesus Cristo”.³¹³

Relações de mentoria podem ajudar as pessoas que exercem o ministério eclesial a manterem seu relacionamento com Cristo, na caminhada do discipulado cristão. E, esse relacionamento com Cristo carece ser desenvolvido, aprofundado, caso se deseje levar as pessoas das comunidades onde se exerce o ministério eclesial a também se tornarem discípulas de Jesus Cristo.

Esse relacionamento com Cristo, ou a vivência da espiritualidade cristã, se dará a partir da leitura da Sagrada Escritura, ambiente no qual o próprio Cristo pode ser encontrado.

O homem Jesus Cristo, para quem nenhum sofrimento, nenhuma enfermidade, nenhuma aflição são desconhecidos e que, não obstante, era totalmente inocente e justo, ora nos salmos através da boca de sua comunidade. O saltério é o livro de oração de Jesus Cristo propriamente dito. Ele orou os salmos, e já agora eles constituem sua oração para todos os tempos. Comprendemos agora como o saltério pode ser, ao mesmo tempo, oração a Deus e palavra do próprio Deus? **Precisamente porque nele encontramos o Cristo que ora.**³¹⁴ (grifo meu)

E é a partir desse encontro com Cristo por meio da Escritura que flui a oração (nossa resposta à revelação de Cristo nas Escrituras): “A oração cristã está firmemente alicerçada na Palavra revelada, e nada tem a ver com desejos

³¹² OLIVEIRA, 2012, p. 111

³¹³ BONHOEFFER, 1997, p. 12

³¹⁴ BONHOEFFER, 1997, p. 33

egoístas”.³¹⁵ Somente a partir dessa vida devocional, que se pode também ter clareza a respeito do exercício do ministério eclesiástico:

Como, por exemplo, poderemos chegar a ter certeza e confiança em nossa atuação pessoal e eclesiástica se não estivermos alicerçados na base firme da Bíblia? Não é o nosso coração que decide o caminho a tomar, mas a Palavra de Deus.³¹⁶

Diversas vezes, em meus encontros de mentoria, fui desafiada a buscar na Palavra orientação, força e ânimo para enfrentar dificuldades ministeriais e pessoais. Por vezes a palavra foi lida nos próprios encontros de mentoria. Em outras, foi-me sugerido ler trechos específicos da Escritura para, por meio desta encontrar respostas que eu precisava. Minha vivência com a mentoria tem me ensinado a buscar na Palavra orientação e direção, tanto para minha vida pessoal, bem como para meu ministério. Aprendo cada vez mais a importância da leitura da Palavra, dos momentos a sós com o Cristo que nela se revela.

Aprofundando ainda mais essa questão da vivência pessoal da espiritualidade, Bonhoeffer afirma que “A pessoa que não suporta a solidão deve tomar cuidado com a comunhão”³¹⁷ e “A pessoa que não se encontra na comunhão, que tome cuidado com a solidão”.³¹⁸

Compreende-se assim, que a prática da mentoria no exercício do ministério eclesiástico pode reduzir consideravelmente a sensação de solidão experimentada pelas pessoas que o exercem, bem como pode incentivar ministros e ministras a manterem e desenvolverem seu relacionamento com Cristo – a vivência da espiritualidade cristã – indispensável para que ministras e ministros se mantenham conectados com Cristo, na caminhada do discipulado cristão.

³¹⁵ BONHOEFFER, 1997, p. 34

³¹⁶ BONHOEFFER, 1997, p. 40

³¹⁷ BONHOEFFER, 1997, p. 58

³¹⁸ BONHOEFFER, 1997, p. 59

4 CONCLUSÃO

Como foi explicitado na introdução da presente pesquisa, o que levou a realizá-la foi uma percepção empírica de que a prática da mentoria seria uma forte aliada na formação e acompanhamento de lideranças eclesiais. Foi-se aos livros procurando possíveis evidências de que a mentoria pudesse auxiliar as pessoas que exercem o ministério eclesial a serem mais bem sucedidas em seu empreendimento ministerial, devido ao caráter relacional e de apoio que pode ser encontrado na mentoria.

Inicialmente, ao se definir e conceituar o que se entende por ministério eclesial, já ficou claro que o chamado ao ministério se dá dentro do ambiente da vivência com Cristo – o discipulado cristão. Essa caminhada com Cristo não é possível de ser vivida no isolamento. É uma caminhada que leva em direção às demais pessoas que percorrem a mesma trilha. Assim sendo, tentar exercer o ministério eclesial de forma isolada, sem ser acompanhado por alguém, ou mesmo sem se colocar em situação de companheirismo com pessoas que igualmente exercem o ministério, pode gerar profunda solidão na vida e no exercício ministerial. Ter com quem dividir os fardos e os desafios encontrados no ministério é de grande valia para as pessoas que exercem o ministério eclesial.

Ao se definir e conceituar a mentoria, bem como ao se analisar as posturas de Elias, Barnabé e Saulo como mentores, pode-se ter a impressão de que são poucas as pessoas que podem se dispor ao exercício da mentoria. Talvez se tenha a sensação de que é impossível encontrar mentores nos moldes apresentados na presente pesquisa. E, constata-se empiricamente que pode ser difícil encontrar pessoas capazes de exercer a mentoria. No entanto, é sim possível encontrar pessoas capazes de acompanhar ministras e ministros, basta ficar atento. Pode ser que mentores se encontrem em lugares onde menos se espera (nos bancos das comunidades nas quais ministras e ministros atuem, quem sabe?).

Leitores mais atentos terão percebido que ao fazer referência à pessoa que mentora meus mentores não fiz nenhum tipo de observação a respeito de cargos eclesiais. Apenas afirmei que eram acompanhados pela mesma pessoa. E essa pessoa é uma senhora, enfermeira aposentada, que carrega em si grande sabedoria, e uma profunda vivência da espiritualidade cristã.

Assim sendo, compreende-se que mentores podem ser encontrados em diversos lugares, basta estar atento às pessoas que Deus coloca ao redor. E, quando encontrar alguém que possivelmente se enquadre no que se busca, ou que possa ajudar na área em que se carece auxílio, basta que se procure a pessoa, se converse com ela e se faça a proposta de uma caminhada de mentoria.

Assim como foi definido no segundo capítulo, compreende-se mentoria como “vida na vida”. Pressupõe alguém mais experiente que incide vida naquele que lhe procura em busca de auxílio e acompanhamento. Incidir vida significa caminhar ao lado, dispondo da própria vida, dos próprios conhecimentos, partilhar suas lutas a fim de que a pessoa mentorada possa florescer com seus dons e aptidões no exercício do ministério eclesiástico. Porém, sempre é necessário lembrar que a mentoria não pressupõe a reprodução de personalidades. Mentorar é ajudar as outras pessoas a descobrirem o seu potencial, seus dons e habilidades conferidas por Deus! Mentoria acontece também dentro do discipulado cristão, onde Cristo é e sempre será o Mestre e Senhor. Mentoria significa caminhar junto, mas aos pés do Mestre Jesus, que também será sempre o referencial e o modelo de caráter, de amor, de dedicação, de pastoreio, de humildade e de humanidade.

No terceiro capítulo afirmou-se também que existem dois tipos de mentoria – a formal e a informal. A informal pode acontecer onde menos se espera. Podem-se ter mentores em diferentes áreas de atuação, em assuntos específicos. E a mentoria formal é aquela onde as duas partes envolvidas (pessoa que mentora e quem é mentorado) se dispõem a uma caminhada conjunta. Para essa caminhada podem ser utilizados materiais específicos – livros que possam direcionar a conversa na área de interesse da pessoa mentorada. Porém, é imprescindível que esse processo de mentoria trabalhe a vida diante das Sagradas Escrituras, pois se compreende que elas oferecem um direcionamento e revelam Cristo e Sua vontade para com os seres humanos. Não se tem com esta pesquisa a intenção de oferecer um material, um formato engessado de mentoria. Propõe-se, no entanto, que a pessoa que exerce o ministério eclesiástico procure alguém que possa lhe acompanhar, aconselhar, orientar e abençoar com sua vida.

Finalizando, procurou-se fazer uma relação entre a prática da mentoria e a vivência da espiritualidade cristã. Como se definiu que o chamado ao ministério acontece dentro do discipulado cristão, da já anterior caminhada com Cristo, se

pressupõe que a vivência da espiritualidade cristã, baseada e fundamentada na Sagrada Escritura é imprescindível para o bom exercício do ministério eclesiástico, pois, nelas se pode, como fica claro nas palavras de Dietrich Bonhoeffer, encontrar o próprio Cristo. E, a partir desse encontro com Cristo, é que se pode desempenhar e exercer o ministério eclesiástico com encantamento, gratidão e alegria.

O exercício do ministério eclesiástico é um presente, um privilégio concedido por Cristo. Desde o começo, percebe-se que Deus poderia ter feito tudo sozinho! Cristo poderia ter desenvolvido seu ministério sem o auxílio dos seus discípulos. Olhando a trajetória de Jesus com seus discípulos, pode-se perceber que talvez eles lhe tivessem dado mais trabalho que lhe ajudaram. Mas, Jesus optou por dar àqueles galileus a oportunidade de participarem com ele do anúncio das Boas Novas do Reino de Deus! Jesus lhes deu também o privilégio e a responsabilidade de continuarem anunciando o Reino após seu retorno ao Pai.

Exercer o ministério eclesiástico é dádiva preciosa, presente de Cristo às pessoas que ele chama e vocaciona! O mais precioso, portanto, é o privilégio de exercer o ministério conectado com o Cristo que chama! E, percebe-se que a mentoria pode ser importante para auxiliar e motivar ministras e ministros a permanecerem na caminhada do discipulado cristão. E, assim, contribuir para a existência de ministérios profícuos e longevos, capazes de mostrar ao mundo o precioso e maravilhoso amor de Cristo.

E, para que o ministério seja exercido nessa perspectiva de dádiva e com encantamento, faz-se necessário que cada ministra e ministro procure encontrar alguém que possa lhe acompanhar por meio da mentoria. Exercer o ministério sem auxílio, no isolamento, pode adoecer a pessoa que o exerce. Ter com quem conversar, dividir os fardos e mesmo alguém com quem se possa confessar os pecados pode ser de grande valia e garantir maior sucesso no empreendimento ministerial.

A vivência da mentoria no exercício do ministério também pode favorecer o surgimento de sucessores (ou novas vocações). Ministras e ministros que, ao serem acompanhados por mentores, são despertados para a prática da mentoria em suas comunidade podem permitir que outras pessoas sejam motivadas ao exercício do ministério eclesiástico.

Conclui-se, portanto, que a prática da mentoria pode favorecer a existência de ministérios bem sucedidos, bem como propicia um ambiente no qual as pessoas que exercem o ministério eclesiástico são motivadas a se manterem na caminhada do discipulado cristão, por meio da vivência e do desenvolvimento da espiritualidade cristã. Por sua vez, quando ministras e ministros eclesiásticos vivem suas vidas como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, e mantem regularidade na vivência da espiritualidade cristã, as comunidades por elas e eles cuidadas podem sentir um impacto positivo, ao perceberem seus líderes como pessoas que podem ser imitadas, cujas vidas, quando colocadas na “vitrine”, refletem e mostram Cristo e apontam um caminho por onde podem se orientar.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões* (tradução de Maria Luiza Jardim Amarante; revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antônio da Silveira Mendonça). São Paulo: Editora Paulinas, 1984.
- ANDRADE, Alek Sandro Silva de e SANTOS, Lyndon de Araújo. *O Cuidador e o Fenômeno: perspectivas da prática pastoral hoje*. In KOHL, Manfred Waldemar e BARRO, Antônio Carlos (orgs). *Ministério Pastoral Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006.
- BÍBLIA de Estudo Conselheira*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BOBSIN, Oneide e SALDANHA, Marcelo Ramos (orgs). *Ciências da Religião – Uma hóspede impertinente*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca de Identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Editora Sinodal e São Paulo: Paulus, 2002.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Vocação e Profissão – reflexões teológicas e práticas sobre o ministério na igreja*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2020.
- BRANDT, Hermann. *Espiritualidade. Motivações e critérios*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1978.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- BUHR, João Rainer. *O Sofrimento do Pastor: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores ainda hoje*. Curitiba: Editora Esperança, 2017.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Volume 1 A – C. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Volume 5 P – R. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Volume 6 S – Z. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Volume 6: dicionário – A-L*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado*: versículo por versículo: Volume 2: Lucas, João. São Paulo: Hagnos, 2002.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado*: versículo por versículo: Volume 3: Atos, Romanos. São Paulo: Hagnos, 2002.

DIAS, Silas Barbosa. *Mentoria aos Meus Alunos*. Volume 1: Vocação e Propósito. Swindon, Reino Unido: Ad Verbum, 2017.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em <https://dicionario.priberam.org/mentor>. Acesso em 06/06/2021.

DRESCHER, John. *Se eu Começasse o Ministério Novamente*: instruções atemporais e sabedoria que transforma a vida. Curitiba: Editora Esperança, 2019.

ERNESTO DA SILVA, Carlos Roberto. *Orientação Profissional, Mentoria, Coaching e Aconselhamento*: Algumas singularidades e similaridades em práticas. Revista Brasileira de Orientação Profissional [en linea]. 2010, 11 (2), 299-309. ISSN:. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203016849014>. Acesso em 07/06/2021.

FURTADO, João Luiz. *A Humanidade dos Servos e Servas de Deus*. Disponível em <https://ipib.org/index.php/2021/03/24/a-humanidade-dos-servos-e-servas-de-deus/>. Acesso em 23/04/2021.

GREEN, Michael e STEVENS, Paul. *Espiritualidade Bíblica*: a Bíblia como fonte da verdadeira espiritualidade para o seu dia a dia. Brasília: Editora Palavra, 2008.

GRÜN, Anselm. *A Sabedoria dos Monges na Arte de Liderar Pessoas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GRÜN, Anselm. *Cuidar de Si e Cuidar do Outro*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

GRZYBOWSKI, Carlos “Catito” (Org). *Quando a Dor se Torna Insuportável*: reflexões sobre por que as pessoas se suicidam. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

GUEVARA, Alfonso. *Pastores de Carne e Osso*. Rio de Janeiro: bvbooks Editora, 2017.

HEIMANN, Thomas. *Imagem e Identidade Pastoral*: A desidealização do ministério pastoral a partir da teologia luterana da graça proposta por Lutero. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2016.

HENDRICKS, Howard D. e HENDRICKS, William G. *Como o Ferro Afia o Ferro*. A formação do caráter por meio do mentoreamento. 4. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

HERNÁNDEZ, Carlos José. *Leiamos a Bíblia*. Guia para leitura meditativa. Joinville: Editora Grafar, 2015.

- HOEKEMA, Anthony. *Criados à Imagem de Deus*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.
- HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2003.
- HOUSTON, James M. *Mentoria Espiritual*. Rio de Janeiro: Editora Sepal, 2003.
- KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo: uma análise completa da história mais importante que Jesus contou*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.
- LOPES, Hernandes Dias. *De Pastor a Pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus*. São Paulo: United Press, 2008.
- LUDOVICO, Osmar. *Meditatio*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- LUTERO, Martin. *O Louvor de Maria*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999.
- MACARTHUR, John. *Doze Homens Comuns*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- MARSHALL, Howard I. *Atos. Introdução e Comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1982.
- MCGRATH, Alister. *Criação*. São Paulo: Hagnos, 2011.
- MCGRATH, Alister. *Uma Introdução à Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- MELÂNCHTON, Filipe. *A Confissão de Augsburgo – Edição comemorativa; publicado pela comissão Interluterana de Literatura*. Editora Sinodal, Editora Concórdia e Encontro Publicações, 2005.
- NEVES, Mario. *Atos dos Apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1971.
- NOUWEN, Henri J. M. *A Volta do Filho Pródigo: a história de um retorno para casa*. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- NOUWEN, Henri J. M. *O Curador Ferido: ministério na sociedade contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.
- NOUWEN, Henri J. M. *O Perfil do Líder Cristão do Século XXI*. Curitiba: Editora Atos, 2018.
- OLIVEIRA, Roseli M. Künrich. *Cuidando de Quem Cuida: um olhar de cuidado aos que ministram a palavra de Deus*. 4. ed. Joinville: Grafar, 2012.
- OLIVEIRA, Roseli M. Künrich. *Pra Não Perder a Alma: o cuidado aos cuidadores*. Porto Alegre: Evangraf, 2018.

OLIVEIRA, Sidnei. *Mentoria: elevando a maturidade e o desempenho dos jovens*. São Paulo: Integrare Editora, 2015.

PEREIRA, Sibélius Cefas. *Thomas Merton – contemplação no tempo e na história*. São Paulo: Paulus, 2014.

PETERSON, Eugene. *Coma Este Livro: a comunidade santa à mesa com as Sagradas Escrituras*. Niterói: Editora Textus, 2004.

PETERSON, Eugene. *O Pastor Segundo Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

PETERSON, Eugene. *Uma Longa Obediência na Mesma Direção*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Espiritualidade Para Corajosos: a busca de sentido no mundo de hoje*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

QUEIROZ, Carlos. *Ser é o Bastante: felicidade à luz do Sermão do Monte*. Curitiba: Encontro Publicações, 2003.

ROPER, David. Eliseu. *O Homem de Deus para aqueles dias*. Disponível em <http://docplayer.com.br/13772855-O-homem-de-deus-para-aqueles-dias.html>. Acesso em 09/06/2021.

SANTANA, Ana Lúcia. *Odisseia*. Disponível em <https://www.infoescola.com/literatura/a-odisseia/>. Acesso em 04/06/2021.

SCAZZERO, Peter. *Espiritualidade Emocionalmente Saudável: desencadeie uma revolução em sua vida com Cristo*. São Paulo: Hagnos, 2015.

SCAZZERO, Peter. *O Líder Emocionalmente Saudável: como a transformação de sua vida interior transformará sua igreja, sua equipe e seu mundo*. São Paulo: Hagnos, 2016.

SHAEFFER, Francis. *O Deus Que Se Revela*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

SMITHER Edward L. *Agostinho Como Mentor*. São Paulo, Hagnos, 2012.

SOUZA, Ricardo Barbosa de; STEUERNAGEL, Valdir (Orgs). *Nova Liderança: paradigmas de liderança em tempos de crise*. Curitiba: Encontro Publicações, 2002.

STRECK, Edson e WEHRMANN, Günther. *Obreiros Podem Falar de seus Conflitos? Estudos teológicos*, 1988.

TRIPP, Paul. *Vocação Perigosa*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

WALTKE, Bruce. *Comentário do Antigo Testamento: Gênesis*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *Paulo: uma biografia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

<https://www.roselikuhrich.com.br/>. Acesso em 24/08/2021.

<https://www.facebook.com/primeiraIPcampinas/>) Acesso em 17/09/2021.

<http://www.sara.org.br/> Acesso em 13/08/2021.